REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Sobre alguns problemas de formação eclesiástica	
<i>Carta da Sagr. Congregação dos Seminários e Univ. de Est.</i>	641
Espiritualidade das Congregações Educativas	
<i>Pe. Eugênio Valentini S. D. B.</i>	647
Valor da Liturgia como demonstração pública de fé	
<i>Pe. J. A. Leme S.S.S.</i>	655
Visões e revelações	
<i>Pe. J. Betting C.SsR</i>	661
A propósito de um inquérito sobre recrutamento de vocações	
<i>Pe. Tiago G. Cloin C.SsR</i>	665
As manifestações artísticas durante o VII Congr. Lúc. Nac.	
<i>Pe. Manuel Jiménez C. P.</i>	671
Administração das Casas Religiosas — I I	
<i>Dr. Pierre Aubry</i>	675
Congregação das Irmãs Auxiliares de N. Sra. da Piedade	
<i>Irmã M. S. P., Ir. Auxiliares de N. Sra. da Piedade</i>	681
Semi-internato como meio de Assistência à infância	
<i>Departamento de Serviço e Assistência Social</i>	689
Aos Cruzados da gratidão a Deus	
<i>Alice Gérin Isnard Távora</i>	690
Subvenções Federais	
<i>Antônio Leopoldino</i>	691
Crônica dos Religiosos	
<i>A III Assembléia Anual dos Superiores Maiores</i>	692
<i>Capítulo Geral dos Padres de N. Sra. de Sion</i>	697
Novas Fundações	697
Bibliografia	701

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil

Av. Rio Branco, 131 - 9.º andar — Rio de Janeiro — Brasil

Diretor Responsável: Antônio Semin (Frei Amadeu de Caxias OFM Cap.)

ALGUNS PROBLEMAS DA FORMAÇÃO ECLESIASTICA

Carta da Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos dirigida aos Exmos. Ordinários de Lugar (1).

Ainda não se apagou o eco das solenes celebrações do centenário das aparições de Lourdes, que levaram milhões de peregrinos de tôdas as línguas e de tôdas as raças aos pés da gruta de Massabielle, e nossa mente e nosso coração voltam-se às terras de França, a uma pequena aldeia que foi teatro dos gestos apostólicos de um humílmo pároco rural, no qual o Senhor se dignou renovar os portentos de sua vida pública, derramando com mãos largas os benefícios da Redenção.

Esta Sagrada Congregação dos Seminários e das Universidades de Estudos não quer deixar passar o corrente ano sem apontar àqueles que são chamados a serem um dia os ministros da salvação, êste filho do povo, que soube tão fielmente corresponder à graça de sua vocação, a ponto de se tornar, nas mãos de Deus, um valioso instrumento de uma profunda e vasta renovação da vida cristã.

Muitas coisas o Santo Cura d'Ars tem para dizer e ensinar aos jovens levitas de nosso tempo, de modo que se pode afirmar que a mensagem que lhes envia dos esplendores da glória celestial é mais atual que nunca.

Antes de tudo, êle brilha como exemplo de fidelidade aos convites da graça; uma vez conhecida a vontade de Deus a seu respeito, seguiu com tenacidade impar o ideal sacerdotal, não se deixando desanimar pelas múltiplas dificuldades que pareciam embargar-lhe o passo guiado sempre por uma estima incomensurável pela dignidade sacerdotal, tal que o fazia exclamar arrebatado e fora de si: "Oh, como é grande o sacerdote! Sua grandeza não poderá ser admirada senão no céu. Se um sacerdote compreendesse inteiramente na terra sua dignidade morreria não de espanto, mas de amor".

E' esta estima, esta constância, esta dedicação que a Igreja aponta aos jovens eclesiásticos de nosso tempo, para que dela tomem o estímulo para cultivar o santo ideal ao qual o Senhor os chamou. E' por demais conhecida a escassez de vocações que aflige hoje a Igreja, enquan-

1) "Oss. Rom.", 5—7—59.

to as necessidades espirituais dos fiéis continuam aumentando cada dia. Não é que o Senhor esteja espalhando menos abundantemente a semente do divino chamado; mas, infelizmente, poucos a recolhem e entre estes, muitos são os que, depois de terem posto a mão ao arado, voltam atrás e abandonam o trabalho começado. Aos que, pois, ouviram o convite do Mestre que os chama para serem os continuadores de sua obra de salvação, o Santo Cura d'Ars volta para lhes fazer considerar o dom inestimável que possuem: não permitam, por falta de generosidade ou de dedicação, que o maligno, com esperanças vãs, lhes arrebate a pérola escondida para a qual tudo deve ser sacrificado.

“Condição” divina — como diz claramente seu nome de “Clérigos” — porção predileta na imensa família de Deus, chamada a um destino especial, a uma herança particular, eles devem lembrar sempre, para haurir coragem e estímulo na perseverança, de quão terna bondade, benignidade e liberalidade foram objeto por parte do Senhor. Se o Apóstolo, lembrando aos simples cristãos o inestimável benefício da Redenção, exortava-os a viverem dignamente como filhos da luz, esquecidos para sempre das obras da carne, como não o devem sentir dirigido para si este convite os jovens chamados não somente a participar da salvação; mas, nas pegadas do Divino Mestre, a serem seus dispensadores e ministros! Pensem, portanto, continuamente no dom de Deus, aquê- le ato de predileção divina, e tornem-se cada dia mais dignos com uma conduta exemplar, no quotidiano oferecimento de sua juventude à Igreja, que lha pede para salvação sua e de seus irmãos.

Se olharmos a fisionomia sacerdotal de Santo Cura d'Ars, vemos claramente que ela brilha de tanto esplendor, que faz dele um genuíno modelo de primeira grandeza. Ele sabia que o sacerdócio o identificara misteriosamente com o único e eterno Sacerdote, o Verbo Incarnado, o que lhe fazia repetir frases como estas: “Quando virdes o sacerdote, pensai em Nosso Senhor Jesus Cristo”, ou “O Sacerdócio é o amor do Coração de Jesus”. Mas, que importam as palavras, embora belas e expressivas, com que êle indicava esta divina realidade? Para êle o essencial consistia em viver o sacerdócio que o Senhor exercia por seu intermédio. Ei-lo, pois, o Santo Cura d'Ars na posição querida pelo Apóstolo, de mediador do seu povo, votado para a vida tóda à adoração, à intercessão, ao sacrifício total; vítima também êle, como o Redentor, para implorar “com gemidos inenarráveis”, dia e noite, a remissão dos pecados, pronto sempre a completar no seu corpo o que falta à Paixão de Cristo.

Esta adesão perfeita a Deus, esta conformidade com o Eterno Sacerdote, que lhe faziam estimar tanto a oração e a vida interior, foram também o segredo de seus extraordinários êxitos. Sabia perfeitamente que a eficácia dos suores apostólicos depende primeiramente da oração e da união com Deus, e, côm conscio de sua humilde quanto excelsa condição de instrumento da graça divina, por ela e somente dela esperou o êxito de sua ação apostólica. Não é sem razão que o Sumo Pontí-

fice Pio XI declarou o Santo Cura d'Ars Padroeiro especial dos párocos e dos sacerdotes na cura de almas, querendo com isso salientar que a ação pastoral, para ser realmente eficaz, deve apoiar-se na santificação pessoal e basear-se numa profunda vida interior.

A verdade é que sem vida interior não há verdadeiro apóstolo, e que com todo o barulho que se possa fazer, ainda que com a mais prestigiosa técnica e organização externa, bem poucos frutos doradouros e salutares são recolhidos. O verdadeiro apóstolo, cômico de ser um simples instrumento não mão de Deus, sabe que tem, à sua disposição outros meios, não condicionados pela contingência da técnica; sabe que o edifício espiritual se ergue inteiramente sobre a graça e sobre a oração, e que os frutos são abundantes na medida em que se confia nos meios espirituais e não se presume substituir-se a êles: "Itaque neque qui plantat est aliquid, neque qui rigat: sed, qui incrementum dat, Deus... Dei enim sumus adiutores" (I Cor 3,7-9).

O Sumo Pontífice Pio XI diz claramente: "Seria êrro gravíssimo se o sacerdote, levado por falso zêlo, descuidasse de sua própria santificação para entregar-se completamente a obras exteriores, por muito boas que sejam, do ministério sacerdotal... Sem a piedade, as mais santas práticas, as mais augustos ritos do Sagrado Ministério serão executados mecanicamente e por hábito; faltar-lhes-á o espírito, a unção, a vida" (Cart. Enc. "Ad Cathol. Sacerdotii", 20 de dez. de 1935: A.A.S., v.28 pp. 23-24).

Mais perto de nós, Pio XII na "Menti Nostrae" (23 de set. de 1950) insiste com grande vigor no mesmo conceito: "Um ardente espírito de oração, se sempre o foi em outros tempos, hoje especialmente é necessário, quando o chamado "naturalismo" invadiu as mentes e os espíritos e a virtude fica exposta a perigos de tãda espécie, perigos que às vêzes se encontram no próprio exercício do ministério. O que é que melhor poderá preservar destas insídias, o que melhor poderá elevar as almas às coisas celestes e mantê-las unidas com Deus se não a oração assídua e a invocação do auxílio divino"? (A A.S., vol. 42, p. 673)

Mais recentemente ainda o Santo Padre João XXIII fel. rein., que tanto insiste para que o Clero se dedique completamente a um profícuo ministério pastoral, em seu discurso à União Apostólica do Clero (12 de março de 1959), aludindo claramente à figura do Santo Cura d'Ars, admoesta muito eloquentemente: "Como então, depois de tantos esforços e sacrifícios, depois de inumeráveis sementeiras, o fruto recolhido é muitas vêzes escasso? Como então, mesmo empregando todos os meios de apostolado, não ressuscitam os filhos mortos da Igreja? Talvez porque a intenção nem sempre é pura; talvez porque não se procura sempre e somente o bem das almas, talvez porque se confia demais em meios iguais aos humanos e por isso lábeis, não baseados na oração e no sacrifício".

Insistimos, portanto, de modo mais vivo, para que os educadores de nossos Seminários, sobretudo os Reitores e Diretores espirituais, ins-

truam com a devida freqüência seus alunos, de modo especial os que se encontram mais próximos das Ordens Sagradas, sobre a natureza do Sacerdócio, os fins de sua missão e os meios de apostolado; e o façam nas pegadas da doutrina mais sã e tradicional, apoiada na Revelação, interpretada pelo pensamento dos Padres e do magistério eclesiástico. Tudo isso é de grande importância; pois quais forem as idéias incutidas a respeito desde os anos do Seminário, tal será o comportamento que os alunos terão uma vez ordenados e ingressados no Sagrado Ministério.

E' por todos conhecida a dedicação sem reserva que o Cura d'Ars tinha para com a Igreja. Para esta Santa Mãe de todos os crentes êle nutria um amor terníssimo, e quando dela falava, com palavra simples e inspirada, a seus numerosos ouvintes, seu rosto se transfigurava, sua voz vibrava de zêlo ardente. Mas, se o coração ia muito além dos estreitos limites de sua pequena aldeia de Ars, abraçando todos os irmãos em Cristo — aliás, não vinham de todos os recantos da terra os filhos da Igreja apinhando-se ao redor de seu púlpito e de seu confessionário? — sua submissão, sua veneração, seu amor dirigiam-se ao vértice, o Chefe visível, o Papa. Pelas atas do processo de Canonização consta que êle procurava tôdas as ocasiões para testemunhar à autoridade do Sumo Pontífice sua ilimitada devoção; não podia esconder sua emoção quando ouvia falar ou êle mesmo falava da Igreja, Mãe e Mestra de tôdas as Igrejas. Ao seu Bispo testemunhava respeito, amor e obediência "tamquam Domino". E qual obediência! Todos sabem como o Santo Cura, movido por um grande sentido da própria indignidade e esmagado por uma responsabilidade que via aumentar a cada dia, cogitasse muitas vêzes de se retirar a um cantinho escondido e chorar aquela que êle chamava sua pobre vida. Mas a obediência, manifestada pelos Superiores, queria-o em Ars, e em Ars êle ficou para levar sua pesada cruz, em imolação cotidiana.

Os educadores dos candidatos ao sacerdócio têm aqui um argumento de severa meditação, porque a virtude da obediência é um dos pontos fundamentais de toda a obra de formação que êles devem impartir aos alunos do Santuário. Trata-se, na verdade, de criar um hábito profundo, que penetre até ao mais íntimo das convicções dos alunos confiados a seus cuidados, num tempo como o nosso que sente tão forte o demônio do orgulho e que, com incrível presunção, pretenderia não sujeitar-se a normas de espécie alguma, se não somente àquela de uma ilimitada independência no modo de julgar e de agir. E tais princípios, infelizmente, decantados como uma conquista, insinuaram-se nos métodos de educação, tentando desarraigar de seus próprios fundamentos a doutrina católica em matéria pedagógica. Infelizmente também nos Institutos de formação eclesiástica não é raro o caso — e esta Sagrada Congregação teve que intervir vez por vez — de assistir a experiências que concedem demasiado à indiscriminada iniciativa do educando e, quase se esquecendo a própria condição da natureza humana enferma, tenta-se inaugurar mais ou menos veladamente os critérios da chamada "auto-

educação”.

Legítima certamente e necessária é a obra daqueles que, solícitos em criar em seus jovens convicções firmes e sãs, se esforçam de desenvolver nêles, gradualmente, o sentido da responsabilidade pessoal, a capacidade de julgamento, o espírito de iniciativa quer individual quer coletiva; mas o que se quer denunciar como deletério é aquela atitude passiva do educador que, abdicando sua posição de Superior e subvertendo com isso mesmo o próprio conceito de disciplina, teme que a autoridade lese a personalidade do discípulo, quase que constituísse uma não devida interferência no santuário da consciência de outrem. Trata-se de uma falsa posição, pois que, somente através de uma disciplina austera se pode chegar à plena posse de uma forte personalidade, pronta ao sacrifício e àquele espírito de abnegação que é requisito essencial para quem quiser seguir, sem compromissos ou disfarces, a Nosso Senhor Jesus Cristo, até compartilhar com Ele, se fôr necessário, do cálice do Getsemani e da imolação da Cruz. Somente com essa disciplina se obtém os verdadeiros apóstolos, prontos a vencer as próprias inclinações e os próprios caprichos para fazer o que Deus, através da autoridade dos Superiores, nos manda. Seja portanto a disciplina — vivida com amor e não somente passivamente tolerada — a pedra de toque sobre a qual os Superiores comprovem a vocação de seus alunos. Exijam-lhes uma obediência não só teórica, mas efetiva, íntegra, límpida, sem subterfúgios, como a Regra do Seminário a propõe a cada dia, mesmo nos atos mais pequenos e ordinários. Saibam os Superiores exigí-la, mas saibam também propô-la, apelando para os motivos sobrenaturais que a justificam, deduzindo-a sobretudo do Modelo perfeito que na terra teve um só único programa: “Fazer, ó Deus, tua vontade” (Hebr 10,7). Lembrem a toda circunstância que a obediência implica essencialmente o “obsequium”, isto é, o oferecimento da mente e da vontade, no qual consiste a própria aceitação de nossas ações junto de Deus.

Se os Superiores estiverem em grau de obter isso, poderão estar seguros do pleno êxito de seus jovens, ainda naquilo que diz respeito à aquisição das demais virtudes sacerdotais, especialmente daquelas que, como a castidade, exigem vontade firme e perfeito domínio de si.

Para todas as Pias Instituições deve portanto valer o princípio de que a Regra é a vontade manifesta de Deus, e portanto obrigatória como meio necessário para a formação do Sacerdote. A presença e a atuação do Superior não deve ser considerada como dirigida para mortificar a personalidade, mas para auxiliar o desenvolvimento em tudo o que de bom e de útil pode ela oferecer para a consecução daquela plenitude espiritual, que é condição e glória da vocação sacerdotal: “Omnia vestra sunt: vos autem Christi; Christus autem Dei” (Cor 3,22-23).

Dirigindo-nos agora diretamente aos queridos alunos do Santuário, quereríamos exortá-los a ter sempre presente o constante ensinamento da Igreja, que em numerosos documentos compara o Clero a uma milícia escolhida, bem equipada, temível para os inimigos sobretudo

pela disciplina que a governa. Durante o longo e severo tirocínio do Seminário, cultivem o espírito de disciplina, nutrindo-se de sólidas convicções, prestando sempre uma obediência a tóda prova aos que os dirigem, aprendendo assim o perfeito e incondicionado "sentire com Ecclesia" que os tornará, amanhã, capazes de combater — com coração "pro salute communi fortia facere et pati paratum" — as batalhas pacíficas do reino de Deus (cfr. Leão XIII, Alloc. 18 de janeiro de 1885: Ench. Cler. n.º 458).

Se pode parecer árdua a preparação para o Sacerdócio e cheio de dificuldades, de fadigas, de sacrifícios o futuro ministério, é grande todavia, é rica de alegrias consoladoras a recompensa que o Senhor promete a quantos militam com valor sob suas insígnias. Afirma-o eficazmente Santo Agostinho — também êle chamado aos labores do apostolado em tempos difíceis como êstes em que vivemos: "Nihil esse in hac vita et maxime hoc tempore difficilius, laboriosius, periculosius episcopi aut presbyteri aut diaconi officio, sed apud Deum nihil beatius, si eo modo militetur quo noster imperator iubet" (Epist. 21,1).

Trata-se, portanto, de revigorar o sentido da responsabilidade frente à graça da vocação divina; de manter a primazia da vida interior como condição essencial do futuro ministério pastoral; de valorizar a tarefa formativa da disciplina, aceita consciente e deliberadamente; de defender desta maneira e desenvolver a vida realmente sacerdotal, que sabe e deve sàbiamente adequar-se às exigências dos tempos e das circunstâncias em que deve inserir-se a obra apostólica que não pode esquecer as fontes eternas de onde derivam tóda sua nobreza e fecundidade sobrenaturais.

Ouçã diàriamente

R Á D I O V A T I C A N O

FALANDO PARA O BRASIL

20 hs.

Ondas Curtas, na freqüência de 16,82 ou 25,67 ms

ESPIRITUALIDADE DAS CONGREGAÇÕES EDUCATIVAS

*Pe. Eugênio Valentini, Reitor Magnífico
do Pontifício Ateneu Salesiano*

I — Introdução

Pròpriamente não é a mesma coisa falar de Congregações de Ensino e de Congregações Educativas. As primeiras cuidam diretamente do ensino e, por concomitância, da educação; as segundas visam principalmente a educação, reservando ao ensino uma função mais instrumental. Nas primeiras prevalece a formação intelectual, enquanto nas segundas prevalecerá a formação moral do caráter e da vontade, e isto quer no campo natural, quer no campo sobrenatural.

Nós trataremos aqui da espiritualidade tanto de umas como de outras, dando porém mais atenção às segundas.

É um fato incontestável que a educação da juventude é ao mesmo tempo uma vocação, um ministério religioso, um apostolado.

Ora, justamente por isso, tôdas as congregações que se dedicam prevalentemente ou exclusivamente à educação da juventude, devem ter, na sua espiritualidade, características comuns que as diferenciem de tôdas as outras.

Tais características são notas, isto é, propriedades que promanam da mesma essência de sua missão, e que estão intimamente conexas com o fim de seu apostolado, de maneira que se pode dizer que formam a fisionomia espiritual da vida ativa que as constitui.

Bastará analisar a natureza do fato educativo para descobrir tais notas e indicá-las de um modo seguro a quantos se interessam do problema.

Este processo dedutivo, muito mais rápido e preciso que o indutivo, não é senão uma aplicação do tão conhecido adágio filosófico: "Actus specificatur ab objecto formali".

O objeto formal da missão destes religiosos é de fato a educação e é em função educativa que vêm consideradas tôdas as modalidades da vida religiosa por êles abraçada.

Isto poderá parecer um exagero, mas não é verdade. Antes, po-

demos acrescentar que a espiritualidade de tais religiosos é não somente uma espiritualidade educativa, mas também uma espiritualidade juvenil.

A razão de tal afirmação encontra-se no cânon supremo da educação, que é a exemplaridade. Toda causalidade é, em certo sentido, uma participação, e a educação é uma participação de vida. Mas esta participação não é possível se não fôr posta, por assim dizer, à mão de quem a deve receber. Por conseguinte existe uma tonalidade toda juvenil na espiritualidade das Congregações educativas, e tal tonalidade é devida ao escopo que se prefixam, à matéria com a qual estão em contato, à forma que devem imprimir nesta matéria ainda terra e em germe.

A espiritualidade tem, por sua natureza, o escopo da formação sobrenatural das almas. A espiritualidade educativa tem como escopo a transformação em Cristo seja do educador, seja do educando.

O ideal das Congregações de ensino é Jesus Mestre: "Unus est Magister vester: Christus". O ideal das Congregações educativas é Jesus Bom Pastor: "Ego sum Pastor bonus, et cognosco oves meas et cognoscunt Me meae".

Os exemplares da vida natural, desta instrução e educação sobrenatural, são o mestre na escola e a mãe na família. O primeiro cuida prevalentemente da vida intelectual e a outra da vida física e moral da criança.

A mãe conserva o filho afastado de todos os perigos, assiste-o continuamente. Aproveita de toda oportunidade para dar-lhe uma lição, fazê-lo realizar exercícios graduados sob a sua vigilância, deixa-o livre somente depois que deu provas de saber comportar-se convenientemente.

O mestre, após ter comunicado a seus alunos as noções fundamentais de ler, escrever e contar, repete-as continuamente, obriga-os a fazer incessantes aplicações, explica e torna a explicar pacientemente quantas vezes fôr preciso, e somente cessa os exercícios quando certificou-se de que todos, do primeiro ao último, compreenderam perfeitamente o que lhes tinha explicado.

Ele procura manter na escola o clima de confiança e de carinho, não o de temor. Quando o menino teme, cala e não apreende. Quando ama, pergunta e apreende. Evidentemente fica sempre reservada certa margem para um pouco de temor, daquele temor chamado reverencial, do qual, porém, o professor se serve apenas em caso de necessidade para corrigir os relutantes, e somente quando a negligência deles é manifestamente rebelde.

Não se permite ao menino ler livros mal escritos, cheios de erros de gramática e de sintaxe, ou superiores à sua capacidade intelectual, e tudo isto para poder gradualmente instruí-lo e auxiliá-lo de maneira eficaz na aprendizagem das letras e das ciências.

O que se verifica no campo físico e intelectual, deve-se análogamente observar no campo moral, através da educação da consciência e do caráter do menino.

Estes dois exemplos vivos e concretos dão o clima e as caracterís-

licas da espiritualidade educativa, que será por conseguinte uma espiritualidade familiar, amorosa, exemplar. Por outro lado, desde que esta espiritualidade deve ser, como já dissemos, também juvenil, apresentará estas outras características: alegre, simples, ativa, virginal, sacramental, mariana.

II — ESPIRITUALIDADE EDUCATIVA

1) Espiritualidade familiar.

A educação outra coisa não é que um prolongamento e um complemento da transmissão da vida, e é portanto um direito e um dever dos pais. Deve, pois, ser realizada no seio da família e em ambientes que espelhem o mais perfeitamente possível este ambiente ideal. A família, obra prima de Deus, é o modelo mais alto e mais divino de toda obra educativa e ao mesmo tempo o modelo mais simples de uma vida religiosa consagrada à educação da juventude.

Por tudo isso, a primeira característica da espiritualidade das Congregações educativas deve ser o espírito de família, quer no seu aspecto natural quer naquele sobrenatural. Nelas deve reinar uma paternidade espiritual vigilante e uma maternidade espiritual terna e solícita.

Eis porque Fénelon recomendava aos educadores: "Sede pais, não digo bastante, sede mães"!

E Pe. Albera, segundo sucessor de São João Bosco: "O educador deve possuir a paternidade putativa de José e a maternidade virginal de Maria, para fazer crescer Jesus nas almas de seus educandos".

Esta espiritualidade familiar preocupa-se antes de tudo mais do espírito do que da letra e põe toda sua eficácia educativa na máxima convivência com o educando.

a) *Atmosfera de bom espírito*

Escreve Poulet: "Para quem pondera bem as coisas, uma boa casa de educação é aquela onde reina um bom espírito; uma má, aquela onde domina o mau espírito. Está tudo nisto.

"O espírito de um colégio, é o ar que se respira".

"De que se compõe este espírito? Quem dirá todos seus elementos? Como o ar material, é ele modificado sem cessar por mil causas diversas, das quais algumas escapam à observação a mais atenta. A prudência, a moderação, o zelo, e sobretudo o coração dos mestres, contribuem muito a mantê-lo em condições favoráveis. Mas o espírito de uma casa se compõe essencialmente do espírito dos alunos que aí estão reunidos. Cada um deles em particular derrama suas influências, até sem saber e sem querer; e essas influências espontâneas, involuntárias, não são as menos poderosas. Cada um exala, por assim dizer, ao redor dele um ar de virtude ou de vício, e, segundo a expressão dos santos livros, um odor de vida ou de morte. O exemplo, a palavra, o silêncio, os olhares, a presença somente de um condiscípulo viciado, leva os outros a fazer o que sua ra-

ção desaprova, e os desvia do bem que lhes aconselha. Há, pelo contrário, condiscípulos cuja sociedade, conversação, vista, lembrança mesmo, são uma pregação contínua de candor, de piedade, de modestia, de docilidade, de tôdas as virtudes que fazem o ornamento da mocidade. Segundo que uma ou outra dessas influências domina no colégio, vereis estabelecer-se um bom ou um mau espírito" (1).

Tudo isto, porém, não pode vir imposto de fora, por meio de leis que determinem, até nas mínimas particularidades, o que se deve fazer. Disciplina e regulamento são indispensáveis, mas não são suficientes para produzir tal efeito.

E' ainda Pouillet quem nos lembra esta verdade:

"O bom espírito consistindo essencialmente, para os meninos, na franqueza, na confiança e no amor, não se pode estabelecê-lo e conservá-lo entre êles senão usando, para com êles, um sistema de liberdade, de amor e de confiança. O amor não deve ter limites; não se saberia amar demais os meninos e nunca serão amados bastante; deve ter somente suas regras, pois pode-se até amá-los mal. Quando à liberdade e à confiança, precisam, reconheço-o, de regras e limites, estabelecidos por uma justa e necessária autoridade, reclamados por uma longa e comum experiência. Mas cuidado em não tirar com uma mão o que parecemos conceder com a outra. Reconheçamos com sinceridade, e proclamemos com franqueza que há parte real de liberdade a conceder ao aluno, sem prejuízo para a disciplina e os estudos; que há uma confiança legítima a ter nêle, sem violar as leis da prudência, e procuremos dar a entender como se podem conciliar princípios, necessidades, interêsses igualmente sagrados" (2).

E a B. Berzeri escrevia a respeito: "Sempre nos limites do govêrno e da obediência deve-se deixar às jovens uma santa liberdade, para que saibam que o jugo do Senhor é suave e seus servos são livres. Uma santa liberdade conseguirá que vossas jovens façam, de boa mente e concordando plenamente, mesmo aquilo que, oprimidas por uma ordem, fariam com pesar e por violência".

b) *Convivência contínua*

Na família a convivência amorosa e contínua, unida ao zêlo pela boa educação dos filhos, é a causa primeira do bom sucesso da educação.

Dom Bosco descreve o seu sistema preventivo nestes têrmos: "Ele consiste em fazer conhecer as prescrições e os regulamentos de um Instituto e depois em vigiar de modo tal que os alunos tenham sempre sôbre si o olhar vigilante do Diretor e dos Assistentes, que, como pais amorosos, falem, sirvam de guia para qualquer eventualidade, dêem conselhos e corrijam com amor, o que quer dizer: colocar os alunos na impossibilidade de cometer faltas.

E Pouillet precisa:

1) Discours sur l'éducation prononcés aux distributions de prix de son établissement, par l'abbé Pouillet, Supérieur de l'Institution Saint-Vincent, à Saulx; Paris, Alphonse Pringuet, Libraire, 1851, pp. 162-163.

2) Pouillet, op. cit., pp. 176-177.

“A educação não se faz em massa, do alto, de longe. Não, a educação não é útil, não é real, que à condição de agir individualmente, não somente sobre cada um dos meninos, mas sobre cada uma de suas ações, de suas faculdades, a cada instante do dia. A organização regular do serviço, uma sábia direção do conjunto, são coisas excelentes, indispensáveis, mas insuficientes. A educação não é a disciplina nem o ensino; ela não se faz por um curso de moral, de civilidade, e até de religião, mas pelos contactos diários, contínuos, dos alunos com seus mestres, pelos avisos pessoais, as observações corriqueiras, os encorajamentos, as repreensões, as lições de todo gênero que provocam essas relações não interrompidas. É assim que ela se faz na família; e não há de ser diferente no colégio” (3).

A vigilância deve por conseguinte ser contínua, mas não odiosa, suspeitosa, recriminadora, porém prudente e amorosa. O Educador deve procurar tornar agradável sua companhia no meio de seus educandos, para poder com doçura induzi-los à obediência. Não pode enfastiar-se dos clamorosos divertimentos da juventude, mas deve êle mesmo participar, sugerindo até novos, para conquistar assim toda a sua confiança e desfazer a impressão tão difusa que a alegria e a bondade não podem estar juntas. Deve responder com paciência às suas perguntas infantis e insistentes, tantas vezes cacetes, e compreender que esta é uma parte essencial de seu mister educativo, e por isso deve quase desejá-lo para ter ocasião de influenciar mais sobre êles. Deve fazer que falem muito e deve conquistá-los, diria mesmo inamorá-los, com sua bondade e com mil indústrias afetuosas, que lhe permitirão de realizar plenamente seu tão nobre mister, cativando a confiança mais absoluta dos corações juvenis, que não deverão ter nenhum segredo para com êle.

Evidentemente tudo isso exige um espírito de sacrifício e de dedicação a toda prova, mas somente a tal preço que os corações juvenis poderão ser conquistados e que se poderá exercer sobre sua formação um influxo salutar e duradouro.

O educador deve estar presente para resolver qualquer dificuldade, para prevenir os inconvenientes, para remediar as desordens. Deve estar sempre em função educativa, com possibilidades múltiplas de adaptação e com alta dose de bom senso. De fato o critério é qualidade fundamental do educador, aquela que sugere no tempo e lugar oportunos o melhor modo de agir; o critério faz do educador o exemplo vivo diante dos olhos de seus educandos, faz com que êle reserve só para sí as penas e tristezas, enquanto reparte em seu redor o sorriso e a alegria numa visão serena da vida, que permita às jovens plantinhas desabrochar, e crescer sob o influxo benéfico do sol da caridade, que tudo aquece e fecunda. A polivalência dos dotes e das capacidades a serviço do bom senso é sem dúvida o que de melhor se possa desejar em um educador.

O ensino completo na convivência diuturna com o educando é

3) Poulet, op. cit., pp. 148.

“Ouso dizê-lo, nenhum outro móvel que o amor, nem aquêlê do dever, e do dever imposto, sancionado pela religião, sustentaria por muito tempo um mestre nesta penosa carreira. Em vão diríamos a nós mesmos que a educação é para nós um ministério sagrado, um apostolado religioso, um meio de cumprir para com Deus e para com a sociedade a dívida que contraímos pelo sacerdócio. Estes altos pensamentos excitariam nosso zêlo, sem suavisar nossas penas; nos mostrariam a gravidade de nossas obrigações, sem diminuir o pêso, e talvez até nos dariam a vontade de nós esquivar, antes que a coragem de os cumprir. Pois, afinal, se nos ficasse somente a idéia de dever, poderíamos aplicá-la a objetos diferentes daqueles que nos ocupam, nos perguntaríamos às vêzes nos momentos de cansaço inseparáveis de uma tal vida, se não temos outros meios de utilizar para o serviço da religião e da pátria, o poder do ministério do qual estamos revestidos. Mas não! Estamos retidos junto desta família querida por outros laços mais suáves, e aquêlê que não sentiria os encantos, não é chamado a viver com as crianças. Há aí por demais a fazer, a sofrer, a sacrificar, se não se tem no coração uma grande parte dêste amor que Deus colocou no coração dos pais e das mães; e que é para o mestre cristão, o sinal de sua vocação. Vós pois que não amais os meninos não usurpeis o encargo de os educar. Vós que sua leviandade impaciente, que sua preguiça surpreende, que sua indocilidade irrita, que suas quedas desanimam, deixai a outros o cuidado de formar êsses corações e êsses espíritos cheios de defeitos, de desigualdades e de excessos, de misérias de tôda espécie! Deixai a outros êsses detalhes infinitos, tão cansativos pela sua monôtona repetição, como pela pequenez de seu objeto! Vós vos gastareis antes do tempo nesse rude labor; não cumprireis vossa tarefa sem uma luta contínua contra vós mesmos, e vossos alunos sofrerão necessariamente a reação do constrangimento que vos causa uma vida para a qual não sois feitos” (4).

Na carta que Dom Bosco escreveu de Roma, no dia 10 maio de 1884, e que é ao mesmo tempo uma obra prima pedagógica e uma visão ecclêste, podemos ler: “A familiaridade leva ao afeto e o afeto leva à confiança. Não basta amar os jovens, mas é necessário que os jovens saibam que são amados. Quem quer ser amado é preciso que demonstre que ama. Jesus Cristo tornou-se pequeno com os pequenos e carregou nossas enfermidades. Eis o mestre da familiaridade. Quem sabe ser amado, ama, e quem é amado consegue tudo, especialmente dos jovens” (5).

E a B. Verzeri lembra também às suas religiosas educadoras: “Sejais benignas e doces, e com a doçura e com a paciência obtereis muito mais do que com a suavidade e o terror. Perguntai a Santo Inácio como conseguiu o arrependimento de Francisco Xavier e fazei o mesmo: entrai com as idéias delas para sairdes com as vossas. Acarinhai vossas queridas fugitivas que, mesmo fugindo um pouco dos amplexos de Deus, todavia são

4) Pouillet, op. cit., pp. 139-143.

5) E. Ceria, *Memorie Biografiche di S. Giovanni Bosco*, Torino, Edizione extra.commerciale, vol. XVII, pp. 108-111.

a êle queridas e Êle as ama. Elogiai-as também por algum de seus merecimentos, se achardes isso oportuno, demonstrei que as amais com ternura para conquistar o seu amor, e assim terdes reputação e fôrça no ânimo delas e abrir-vos o caminho para persuadí-las a melhorarem de comportamento, a se afastarem das vaidades do mundo e voltarem a Deus" (6).

"O rigor — escreve o Pe. Bresciani — para mais nada vale se não para fechar o coração, torná-lo mau e esquivo, teimoso e duro contra o superior: enquanto a doçura lhe dá prazer, o acalma, excita-o à bondade, torna-o dócil, amorável e capaz das mais nobres e magnânimas resoluções" (7).

São Francisco de Sales, nas constituições escritas para suas filhas espirituais, aconselha em vez de exigir, pede em vez de mandar, dirige em vez de governar; e é precisamente esta sua atitude que torna mais eficaz e mais forte sua palavra.

3) Espiritualidade exemplar

A exemplaridade é o fator supremo da educação. Pode-se dizer que todo sistema educativo é fundado muito mais sôbre a causa final e exemplar que não sôbre a causa eficiente e material.

Quando se tratou de introduzir os seminários na França, na época do Concílio de Trento e durante tôda a primeira metade do séc. XVII, a inovação era tão grande que a autoridade eclesiástica não ousou impor a entrada no seminário como condição indispensável para receber as Ordens Sagradas. Para obterem o intento, os fundadores dos Seminários tiveram que dar o exemplo, vivendo êles a vida que propoariam aos seminaristas quando viessem.

De fato escreve Blouet: "O segredo do sucesso de São Vicente de Paulo, de M. Olier, de São João Eudes, foi o exemplo. Para fazer aceitar pelos jovens esta vida de oração, de estudo, de obediência e de semi-clausura que impõe o Seminário, os veneráveis professôres do clero começaram por sujeitar-se êles mesmos, e o espetáculo de sua vida teve tão grande eficácia que, pouco a pouco, os Ordinários se acostumaram a vir espontâneamente ao Seminário" (8).

E' claro que o exemplo sôzinho geralmente não basta, mas deve ser unido ao ensino vivo da palavra; êste porém tem que se unir ao primeiro e aparecer como que expressão teórica do ensinamento prático exemplar.

(continuará no próximo número)

6) B. Teresa Eustochio Verzeri, Libro del doveri, vol. III, ediz. IV, Bergamo, Stamperia Editrice Commerciale, p. 355.

7) B. Verzeri, op. cit. vol. III, p. 343

8) J. Blouet, La communauté educatrice du Clergé de France, Paris, Beauchesne, 1916, p. 23

A LITURGIA COMO DEMONSTRAÇÃO PÚBLICA DE FÉ

Pe. J. A. Leme S.S.S.

Com grande satisfação, acolhemos, não há muito tempo, a luminosa "Mensagem ao Clero" do episcopado nacional reunido em Goiânia.

Naquelas linhas repassadas de solicitude pastoral e de ampla e realística visão da situação da Igreja no Brasil, são indicadas com muita clareza as medidas a serem tomadas a fim de se obter um maior rendimento das forças vivas de nosso catolicismo em prol da causa de Cristo. Apontados os problemas mais urgentes que preocupam a todos os católicos brasileiros conscientes da gravidade do momento atual, são traçadas, com precisão, as diretrizes práticas para uma sã renovação: "Urge recomeçar, com redobrado afã, a obra missionária no Brasil" (1), é o brado lançado com coragem apostólica.

Nesse movimento renovador fortemente propugnado, notamos, com muito aprêço, que uma das preocupações do episcopado nacional é precisamente a de "estretar o povo ao redor do altar, fazê-lo sentir e viver sua dignidade de povo santo, real e sacerdotal. O movimento litúrgico, dirigido pelo próprio Santo Padre, continua a mensagem, provocou nos fiéis uma sede imensa de participação litúrgica. Com que direito conservaremos ainda afastado das fontes primeiras do espírito cristão o povo fiel?" (2).

A "transformação paroquial" tão desejada é justamente "vislumbrada através da participação ativa dos fiéis na liturgia".

Essa solene proclamação de nossos pastores zelosos, em prol de uma intensificação de vida litúrgica — autêntica expressão da espiritualidade católica — não deixará certamente de ter repercussões profundas no movimento de renovação almejado.

Não é nossa intenção discorrer sobre o inegável valor pastoral da Liturgia (3), nem mesmo sobre sua função social (4). Desejamos apenas

(1) Mensagem ao nosso Clero; REB 18(1958), 642-644.

(2) *Id.*, *ib.*, p.643.

(3) Sobre esse tema pode-se consultar por exemplo: C. VAGAGGINI: *Il senso teológico della Liturgia*; Ed. Paoline, Roma 1957, pp. 649-676.

(4) Cf. J.C.M. TRAVERS, *o.p.*: *Valeur sociale de la Liturgie d'après Saint Thomas d'Aquin*; Ed. du Cerf., Paris 1946.

sugerir algumas breves considerações acêrca do valor da Liturgia como demonstração pública de fé.

Parece-nos que o simples conceito de Liturgia é definido na Encíclica "**Mediator Dei**" (5). A Liturgia, segundo o ensinamento do magistério pontifício, não se reduz a uma simples coleção de normas e rubricas a serem escrupulosamente observadas na celebração dos santos mistérios, nem tampouco se limita a um ato cultural oferecido por um ministro e ao qual os fiéis são chamados a participar, mas é "o culto público que o nosso Redentor rende ao Pai como Cabeça da Igreja e que a sociedade dos fiéis rende ao fundador e, por Ele, ao Pai Eterno; ou, em breves palavras, é o culto integral do Corpo Místico de Jesus Cristo, isto é, da Cabeça e dos membros" (n.º 17, p. 10).

Como culto de todo o Corpo Místico, a Liturgia é um ato essencialmente comunitário, eminentemente social. É a comunidade dos fiéis, o povo de Deus, que, pela ação litúrgica, vem ao encontro de Deus. É precisamente o que a Encíclica **Mediator Dei** inculca fortemente: "o culto divino não é apanágio do indivíduo, mas pertence também à sociedade humana e por isso deve ser social, o que não é possível, mesmo nas coisas de religião, sem vínculos e manifestações exteriores" (n.º 20, p. 12).

É bem nesse sentido que a Liturgia prolonga o plano de Deus que entende salvar o indivíduo por e na comunidade. A Liturgia aplica assim concreta e eficazmente a economia da salvação na comunidade, escolhida e claramente manifestada por Deus (6).

Infelizmente, no subconsciente de não poucos cristãos, se dissimula um conceito assaz individualístico da Liturgia que é então considerada quase unicamente como um meio de se unir individualmente a Deus, sem ter em conta a sociabilidade necessária e inerente ao culto autenticamente católico. Pode-se chegar assim facilmente àquela "mentalidade de restaurante", da qual fala o Card. Lercaro, onde cada um toma sua refeição em mesinhas separadas sem ter minimamente em conta seu vizinho.

Sendo a ação litúrgica essencialmente comunitária, supõe justamente uma coletividade a qual porém não corresponde ao conceito de "massa" popular. A reunião dos cristãos constitui a **Assembléia dos filhos de Deus** (7).

A partir desse conceito autêntico de culto é que se pode e se deve considerar a assembléia litúrgica como uma verdadeira manifestação da Igreja, um dos principais elementos de sua visibilidade e de sua unidade. "É a Igreja em ato, na sua atividade a mais normal. A assembléia

(5) Citamos a Encíclica **Mediator Dei** segundo a tradução da Editora VOZES (Série Documentos Pontifícios, n.º 54), 1948.

(6) A respeito desse tema da Liturgia e a lei de salvação em comunidade, cf.: C. VAGAGGINI, op. cit., pp. 211-230.

(7) Sobre a noção de Assembléia Litúrgica, cf.: A.G. MARTIMORT: *Assemblée Liturgique; Maison Dieu* n.º 20 (1950) pp. 153-176 e *L'Assemblée Liturgique, mystère du Christ; Maison-Dieu*, n.º 40 (1954), pp. 5-29.

litúrgica deve mostrar ao fiel o que é a Igreja" (8).

Eis porque o espetáculo deslumbrante de multidões que celebram um ato litúrgico e que não é uma aglomeração qualquer como, por exemplo, a de um comício, mas é "a Igreja em ato", constitui de per si uma grandiosa manifestação pública de fé. Considerando as influências recíprocas entre o culto, que deve ser manifestado externamente, e a manifestação que conduz ao culto, a Encíclica *Mediator Dei* nos ensina que o culto que a Igreja presta a Deus é externo "porque é um meio que põe particularmente em evidência a unidade do Corpo Místico, lhe aumenta os santos entusiasmos, lhe robustece as forças e lhe intensifica a ação; "pois se bem que as cerimônias, de per si, não contenham qualquer perfeição ou santidade, são contudo atos externos de religião, que, como sinais, estimulam a alma à veneração das coisas sagradas, elevam o espírito às realidades superiores, alimentam a piedade, fomentam a caridade, aumentam a fé, avigoram a devoção, instruem os simples, abrilhantam o culto de Deus, contribuem para a conservação da religião e distinguem os verdadeiros fiéis dos pseudo-cristãos e heterodoxos" (Cardeal Bona, *De divina Psalmodia*, c.19, § III, 1)" (n.º 20, pp. 12-13).

Além disso, a assembléia litúrgica é manifestação de fé não somente pela sua simples existência perante o mundo (9), mas sobretudo pela realidade interna que a unifica e vivifica. O vínculo que une estreitamente os membros dessa assembléia, com efeito, não é simplesmente de ordem ideológica, mas é uma realidade de ordem sacramental, é Jesus Cristo mesmo.

Os Sacramentos, como ensina Santo Tomás, são essencialmente sinais da fé (10).

Dentre todos os Sacramentos que nos unem a Cristo e à sua Paixão, inserindo-nos no mistério da redenção, a Eucaristia ocupa um lugar central pois por esse sacramento nos unimos pessoalmente a Cristo e não somente à sua ação vivificadora. A Eucaristia é assim a finalização necessária de toda a ordem sacramental: "ela é como a consumação da vida espiritual, escreve Santo Tomás, e o fim de todos os sacramentos" (11).

A Eucaristia atualiza o mistério da Redenção. Ora a Redenção realiza-se sob a forma de uma nova aliança entre Deus e o seu povo. Para ser salvos, os homens devem reunir-se numa sociedade santa, formar um só Corpo do qual Cristo é a cabeça. É justamente a Eucaristia que significa e realiza em sua plenitude essa incorporação dos homens a Cristo; é a Eucaristia que edifica, em sua perfeição, o Corpo Místico de

(8) A.G. MARTIMORT: *L'Assemblée Liturgique, mystère du Christ*; loc. cit., p. 9.

(9) Mesmo considerando somente o aspecto externo dos atos litúrgicos, o decóro do local e dos ornamentos, a dignidade dos ministros e dos gestos bem executados, se poderia argüir para demonstrar seu valor de sinal manifestativo da fé, enquanto esse conjunto de ações externas supõe realidades internas.

(10) "Sunt autem sacramenta quaedam signa praestantia fidem qua homo justificatur": S.Th., III, q.61, a.4, c.

(11) S.Th., III, q.73, a.3, c.

Cristo, que "causa a Igreja" (12).

A doutrina clássica da "res sacramenti" da Eucaristia ensina que "a realidade espiritual (res sacramenti) dêsse Sacramento é a unidade do Corpo Místico" (13), isto é, da Igreja, que êsse sacramento significa e causa (14).

Doutra parte o fato da unidade da Igreja, considerado em si, é a maior manifestação da fé cristã no mundo, porque é por essa unidade que o mundo conhecerá e crerá na divindade de Jesus Cristo, segundo a oração de Nosso Senhor na última ceia: "Eu neles e tu em mim, a fim de que sejam consumados na unidade e que o mundo conheça que tu me enviaste" (15). A unidade, pois, dos fiéis com Cristo e entre si é um argumento de valor decisivo para que o mundo creia.

Ora, como dissemos acima, essa unidade se realiza em sua plenitude na assembléia litúrgica sobretudo pela participação sacramental ao Sacrifício Eucarístico.

Donde se conclui logicamente que o espetáculo que dá ao mundo a família dos filhos de Deus reunida na participação ao mistério da salvação pela Comunhão Sacramental, constitui uma grandiosa e efficacíssima — porque fundada na promessa de Nosso Senhor — manifestação pública de fé.

Nem se deve esquecer aquela outra promessa de Nosso Senhor: "Onde se encontrar dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu em meio a êles" (16). O contexto imediato dessa promessa de Nosso Senhor trata da eficácia da oração e o sentido finalístico daquele "em meu nome" indica que a reunião é feita para glorificar e louvar a Cristo: o que se verifica de modo eminente na assembléia litúrgica. A ação litúrgica, independentemente da presença sacramental de Cristo, goza portanto dêsse privilégio de realizar uma Sua presença especial em meio aos fiéis, presença que visa uni-los mais intimamente na unidade de Seu Corpo Místico. Essa presença especial de Jesus Cristo na assembléia litúrgica, cuja eficácia unificativa se apoia na Sua promessa explícita, constitui diante do mundo uma esplêndida manifestação de fé, enquanto testemunha concretamente a atuação vital e dinâmica de Cristo na sua Igreja (17).

Sem negar, em absoluto, o valor e a oportunidade de outras for-

(12) Assim se exprime o Concílio de Trento: "O divino Salvador deixou a Eucaristia à sua Igreja, como símbolo de sua unidade e da caridade, com a qual quis que todos os cristãos fossem unidos entre si no modo mais íntimo possível": DB. 873a; cf. DB 875, 882, etc.

(13) S.Th., III, q.73, a.3, c.

(14) Cf. a êsse respeito; F. PUZO, s.j.: *La unidad de la Iglesia en función de la Eucaristia*; *Gregorianum* 24 (1958), 145-186; J.M. BOVER: *La Eucaristia y el Cuerpo Místico de Cristo*; *Rev. española de Teología* 6 (1946), 359-385.

(15) Jo. 17, 23.

(16) Mt. 18, 20.

(17) Cf. A. ROSE: *La présence du Christ dans l'assemblée liturgique*; *Vie spir.* 85 (1951), 78-85 e P. LOMBARDI: *Esercitazioni per un Mondo Migliore*; Ediz. Mondo Migliore, Rocca di Papa 1958, pp. 529-537.

mas de devoção extra-litúrgicas, aliás recomendadas pela encíclica **Mediator Dei** (cf. n.º 176 ss: pp. 64 ss.) (18), deve-se todavia reconhecer o insubstituível valor e a eficácia "sacramental" (19) da celebração litúrgica como sustentáculo e manifestação da fé, sobretudo quando essa celebração culmina com a participação sacramental.

Seria inversão de valores dar-se, como norma geral, preferência aos atos extra-litúrgicos para realizar "manifestações públicas de fé".

De quanto dissemos, pode-se facilmente concluir que, na prática, seria mais frutuoso, eficaz e mais conforme às diretrizes do Magistério da Igreja, envidar todos esforços no sentido de formar nosso povo a uma participação ativa, inteligente e consciente à ação litúrgica, do que multiplicar indefinidamente as manifestações extra-litúrgicas, por vêzes tão desprovidas de bom gosto (20).

Esse modo autenticamente católico de participar do mistério da Redenção não deixará certamente de ser um elemento valioso de pastoral, enquanto proclama diante da indiferença e da apostasia do mundo moderno o mistério da vitalidade e da unidade "em ato" do Corpo Místico de Jesus Cristo.

(18) Note-se que o índice da autenticidade dessas devoções é "a eficácia com que esses exercícios conduzem as almas a amar sempre mais e promover o culto divino e leva os fiéis a participar aos sacramentos com maior fervor, e a ter as coisas santas na devida veneração e respeito" (*Med. Dei*, n.º 175, p. 66).

(19) No Decreto "*Maxima Redemptionis*" sobre a reforma da Liturgia da Semana Santa, diz-se claramente: "*Etenim sacrosanctae hebdomadae liturgici ritus, non solum singulari dignitate, sed et peculiari sacramentali vi et efficacia pollent ad christianam vitam allendam nec aequam obinere possunt compensationem per plura illa devotionum exercitia, quae extraliturgien appellari solent...*" AAS 47 (1955) 839. Sobre o exato sentido dessa eficácia "sacramental", cf.: VANDENBROUCKE: *Signification doctrinale et pastorale du Nouvel Ordo*; *Quest. Lit. et Par.* 37 (1956), pp. 26-27.

(20) Com muita razão observa o P. ANASTASIO DEL SS.MO ROSARIO, o.c.d., no seu artigo: *La Comunione Frequente*; *Riv. di Vita Spir.* 6 (1952), p. 177: "Non è raro sentire obiezioni e riserve verso manifestazioni collettive di pietà eucaristica culminanti in comunione generale. Senza voler nascondere l'oggettività di alcuni inconvenienti, sembra però che tali diffidenze debbano scomparire lasciando posto ad un vero incremento di queste forme collettive. Naturalmente bisognerà interiorizzarle con ogni sforzo, perchè non restino emplici cerimonie di parata; e nessuna preparazione a questo riguardo sarà tanto come l'insegnamento delle verità eucaristiche e la formazione individuale dei fedeli".

VISÕES E REVELAÇÕES.

P. J. Betting C.SsR.

O livro de Staehlin "Apariciones" levantou muita poeira. Fez bem por obrigar-nos a uma mais exata reflexão teológica do assunto. Revistas dedicaram fascículos inteiros ao problema, ficando em geral na defensiva e — salva vên.a — sem atingir o âmago da questão.

1. Revelações particulares tiveram seu papel bem secundário na vida apostólica de S. Paulo, conforme nos atestam os Atos dos Apóstolos: "Disse-lhes o Espírito Santo: Separai-me Saulo e Barnabé..." (At 13, 2; cfr também 16,7, 9; 20,22,23). Não se trata de revelação pública, no caso. Os Carismas foram mais numerosos na Igreja Apostólica, de modo que S. Paulo lhes deu uma autêntica oficial em 1 Cor 14; e assim sendo, não tudo, ali, pode ser posto na conta da psicologia natural. Em épocas de pacífica posse de fé, os carismas perdem em importância e em frequência. Mas podem, Deus querendo, aparecer esporadicamente em qualquer era, no Corpo Místico de Cristo, em caráter subsidiário e intermitente, como auxiliares do Reino de Deus.

2. Revelações particulares nunca podem tornar-se objeto de fé. Nunca podem ser cridas por um ato de fé sobrenatural por toda a cristandade. Como por exemplo Lourdes e Fátima.

Como prova apresentamos Melchior Cano, testemunha insuspeita: "Nullo modo ad fidem illa referuntur... Privatas revelationes, cuiusmodicumque et quorumcumque illae sint, ad fidem catholicam non spectant" (De Locis theolog. XII, 3).

Se o próprio vidente (ou ouvinte) pode crer "fide divina", disputatur. Mas os demais ouvintes nunca poderão prestar maior fé que a humana.

3. "Fides humana" quer dizer que nunca haverá uma obrigação moral de crer. Negar seu consentimento mesmo a uma evidência clara como o sol não seria questão moral, mas só de catalogação zoológica (homo sapiens aut asinus).

A aprovação da Igreja é só negativa. Mesmo quando há alguma aprovação positiva, como talvez no caso de S. Margarida Alacoque, S.

Maria Bernadette, etc. implica somente que é digno de fé humanamente falano. Diz Bento XIV (ainda como Cardeal): "Revelationibus, etsi approbatis, non debere nec posse a nobis adhiberi assensum fidei catholicae, sed tantum fidei humanae juxta regulas prudentiae, juxta quas praedictae revelationes sunt probabiles et pie credibiles" (De Sanctorum Dom. beatificatione...III, c 53, nº 15).

Diz Noldin-Heinzel (1957): "Revelationes privatae a S. Sede positive approbatae admitti debent assensu obedientiae; non merentur nisi fidem humanam; ...dubitare... negare licet, dummodo sufficientes rationes affulgeant" (II, 32 — b s). Quer nos parecer que N. H. exige demais; exige "rationes" como se fôsse caso paralelo com o "assensus" ao magistério ordinário. Ao nosso ver, a Igreja de fato não quer impor qualquer obrigação moral de crer na origem divina de tais revelações.

A Congregação dos Ritos em 12-5-1877 (D. 3419) responde: Dubium II: "Num ab Apostolica Sede approbatas fuerint apparitiones seu revelationes quae contigisse perhibentur; quaeque cultui B.M.V. sub memoratis titulis (Lourdes, Salette) causam praebuerunt?"

R. ad II: "Eiusmodi apparitiones seu revelationes neque approbatas neque damnatas ab Apost. Sede fuisse, sed tantum permissas tamquam pie credendas fide solum humana, juxta traditionem quam ferunt... etc. etc.". Pio X retoma o tema na encíclica "Pascendi" (AAS 40,649): "De plis traditionibus... non facti veritatem asserit (Ecclesia), sed, nisi humana ad credendum argumenta desint, credi modo non prohibet". E cita em seguida o decreto acima. "Nam apparitionis cuiusvis religio; prout factum ipsum spectat et relativa dicitur, conditionem semper habet implicitam de veritate facti; prout vero absoluta est, semper in veritate nititur, fertur enim in personas ipsas sanctorum". NB. Quero advertir o leitor que nenhuma revelação particular recebeu aprovação tão positiva como Lourdes e Paray-le-Monial; e que o decreto oficial supra se refere expressamente a Lourdes.

É todavia lógico que quaisquer declarações oficiais da hierarquia, episcopal ou pontifícia, devem ser tratadas pelo fiel com o respeito devido aos pastores da Igreja (e isto "sub gravi"). Como também não se pode dispensar a prudência pastoral em diatribes perante o povo cristão. São dois princípios elementares da moral cristã e, muitas vezes, esquecidos.

5. O "Magistério" das revelações está no domínio quasi exclusivo das mulheres. Staehlin tem toda razão de bater alarma. Pode-se citar Mat 11,25 "Revelasti ea parvulis". Mas deve-se citar também: "Estote prudentes sicut serpentes". E foi o Filho de Deus que disse isto.

Ainda uma palavra conciliatória do sempre ponderado Tomás de Aquino (II, II, 83,3,3): "Scientia et quidquid aliud ad magnitudinem pertinet occasio est quod homo consideret seipso, et ideo non totaliter se Deo credat. Et inde est quod huiusmodi quandoque occasionaliter devotionem impediunt et in simplicibus et mulieribus devotio abundet...".

6. Seja lembrado que Poulain, "Grâces Mystiques", reniu um

número impressionante de santos e beatos que nos deixaram profecias erradas. Então o que não esperar dos outros... O leitor procure o livro. Não vou copiar aqui o que está impresso em letras de fôrma.

7. No século 20 fomos vítimas de beatas embusteyras ao menos três vêzes: as revelações da Madre Rafols em 1926; as pétalas de rosas de Lipa; e as visões de Gimigliano (Rahner, Visionem 97).

8. Sta. Margarida Alacoque é alameda entre os psiquiatras por um caso de coprofagia que lhe mereceu registro entre as histéricas. Acusação injusta, porque a santa agiu assim com imensa repugnância física; portanto não é um caso clínico, mas moral (Veja-se o texto em "Vie et Oeuvres" II, 393; ou Hamon, vie c. 7).

9. Ainda o caso das "plagiárias". Josefa Menendez põe na bôca de Cristo um ato de consagração redigido pelo padre Guilloré SJ e repetido com ligeiras variantes por S. Margarida Alacoque (Staehlin 116 Rahner 62). A descrição local de inferno de Josefa M. é parecido demais com a visão infernal de St. Teresa (Staehlin 117). Até a tão respeitável santa Gema Galgani cita no êxtase 90 nada mais do que a Meditação 41 do Pseudo-Agostinho (Staehlin 118). Lapsus memoriae! Não só Josefa, mas também a Marthe-Marie e a anônima "Cum clamore valido" publicam volumes inteiros, maiores que o Novo Testamento, como sendo ditados por Jesus Cristo.

O que pensar disto? Muitas vêzes tudo é só figura literária. Pondo na boca de Jesus ou de Maria Ss. as suas doutrinas e exortações, estas escritoras femininas se grangeiam mais autoridade. O próprio Cícero confessa que êle mesmo se impressionou com a leitura das tiradas de Catão ou Lélío ou Scipião, que êle os fêz declamar em seus diálogos fictícios. "Nihil obstat". Artíficios literários têm passaporte.

Mas há algo mais profundo neste fenômeno. S. João da Cruz distingue três classes de "Locuciones" ou "Palabras sobrenaturales": sucessivas, formais e substanciais. As palavras formais e substanciais são breves, até monossilábicas e são de Deus. Mas as palavras sucessivas podem ser de Deus, do demônio ou de nós, melhor da nossa fantasia. "Chamo sucessivas certas palavras e razões, que o espírito quando recolhido e dobrado sôbre si mesmo costuma ir formando e raciocinando... Tal raciocínio, vai discorrendo de um para outro, e formando palavras e arrazoados mui a propósito, com tanta facilidade e distinção..." (Subida II 29).

São exemplos clássicos disto os "Dialoghi" de Santa Catarina de Sena em seis volumes e os êxtases (escritos) de S. Madalena de Pazzi (1.600 páginas) e muitos outros mais.

Parece que temos de entender isto assim: uma graça mística real e autêntica transbordando atinge as faculdades cognoscitivas, intelecto e fantasia, pondo-as em um estado de superexcitação e de superativismo. E nessa simbiose mental acontece que "o intelecto forma as razões de si mesmo e daí é que muitas vêzes as formas falsas, verossímeis ou defeituosas". Eis a fonte de erros que fez até santos errarem de boa fé.

Onde descobrimos erros não estamos obrigados ou autorizados a condenar tudo até a última raiz, mas somente a constatar de novo que o místico não é infalível. As crianças de Fátima prometeram o fim da guerra "para o próximo domingo" (X, 1917): errado. Lúcia viu aos 13 de outubro de 1917 Nossa Senhora numa fila sucessiva de Coração de Maria, Rosário, Carmo, qual um modelo trocando a roupa: num desfile de modas: simbiose do divino e humano. S. Pedro no monte Tabor também não sabia o que dizia. Separando joio do trigo, fica intata a mensagem essencial de Fátima.

10. Suponho lembrados meus leitores que S. João da Cruz só admite as revelações-visões e diretamente intelectuais e manda rejeitar tôdas as demais que entram através da fantasia. Manda rejeitar mesmo que sejam de origem divina, porque o aumento de graças e de amor recebe-o a alma assim mesmo e os conhecimentos transmitidos à alma pelo canal da fantasia embaciam a fé pura e límpida, facilmente criam apêgo e "não poderá deixar de ser enganada em muitas delas". Acrescenta S. Teresinha: prefiro "a verdade; não se pode ver o céu sobre a terra, e os anjos tais quais são...". Para a vida de união íntima com Cristo, carismas não são desejáveis.

Conclusão. Seria anti-teológico rejeitar revelações particulares em absoluto. Mas também seria imprudência máxima, crer sem prévio e rigoroso exame. Tertuliano foi vítima de videntes. Os pontos 5.6.7. nos sirvam de aviso. A fé é virtude; a credulidade não é.

A PROPÓSITO DE UM INQUÉRITO SÔBRE O RECRUTAMENTO DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Pe. Tiago G. Cloin C.Ss.R.

A Conferência organizou, recentemente, através do Departamento de Estatística, um inquérito entre os Superiores e Superiores Maiores do Brasil sôbre o recrutamento das vocações religiosas, tanto masculinas como femininas. Limitando o inquérito ao problema do próprio recrutamento, ficaram fora da consideração os problemas de formação e perseverança das vocações. Interessava-nos saber: **como e onde** recrutam as Províncias religiosas no Brasil, e quais as **dificuldades** particulares que encontram a respeito.

Foi enviado um questionário pormenorizado aos 159 Superiores e 301 Superiores Maiores, do qual chegaram ao nosso Departamento de Estatística respectivamente 30 e 54 respostas, oriundas de Sedes de Governo situadas nos seguintes Estados da Federação:

Províncias masculinas		Províncias femininas	
São Paulo	10	São Paulo	10
Distrito Federal	6	Rio Grande do Sul	10
Minas Gerais	4	Minas Gerais	7
Rio Grande do Sul	3	Distrito Federal	6
Pernambuco	2	Santa Catarina	6
Mato Grosso	2	Pernambuco	3
Bahia	1	Paraná	3
Maranhão	1	Ceará	2
Santa Catarina	1	Rio Grande do Norte	2
		Rio de Janeiro	1
		Plauf	1
		Pará	1
		Golás	1
	<hr/>		<hr/>
	30 de 159		54 de 301
	= 18 %		= 17 %

Embora o número das respostas, de Províncias masculinas 18% e de femininas 17%, não seja muito elevado, julgamo-lo suficientemente representativo (particularmente visto o alto número de Estados, de onde vêm as respostas) para dar-nos uma idéia geral sôbre a situação de recru-

tamento em nossa terra. Sob estas resslvas comunicamos aqui umas considerações sôbre o resultado do inquérito.

A. Como recrutam as Províncias religiosas ?

O questionário perguntava: 1) Mantém a Província um trabalho organizado e sistemático de recrutamento de vocações? Em que consiste? mantém secretaria própria? faz reuniões periódicas? mantém periódico próprio? 2) A Obra das vocações da Província está regularmente constituída? está agregada à Obr. Pontifícia em Roma? 3) Há Religioso especialmente encarregado do recrutamento ?

Do levantamento das respostas se destacam os seguintes pontos :

1) As Províncias masculinas aproveitam muito mais o periódico como meio de recrutamento do que as femininas, respectivamente 10 de 30 e 4 de 54.

2) Coisa semelhante acontece com a Obra das vocações e sua agregação à Obra Pontifícia, 14 de 30 Províncias masculinas e apenas 1 de 54 femininas têm tal obra regularmente constituída, sendo o número das agregadas à Obra Pontifícia respectivamente 7 e 2.

3) O sistema de recrutador oficial da Província é bastante desenvolvido nas Províncias masculinas (17 de 30), ao passo que é totalmente inexistente nas Províncias femininas (0 de 54).

4) A impressão geral é que a organização do recrutamento nas Províncias masculinas é bem mais adiantada do que nas femininas.

B. Onde recrutam as Províncias religiosas ?

O questionário perguntava: 1) Em quais instituições recruta especialmente: a) em colégios? b) nas paróquias confiadas à própria Congregação? em outras, confiadas ao clero secular e a outros Religiosos? c) nas famílias, indistintamente, por propaganda impressa? 2) Em qual categoria social recruta mais, na classe pobre, média ou rica? 3) Em quais estados da Federação recruta mais ?

Do levantamento das respostas nos interessam particularmente os seguinte pontos :

1) As instituições.

a) Fara as Províncias masculinas é o colégio a terra menos fértil para vocções. Apenas 8 de 30 respondem que recrutam principalmente em colégios. A paróquia, pelo contrário, particularmente a confiada à própria Congregação, vem, quanto ao recrutamento, em primeiro lugar. 23 de 30 Províncias respondem que recrutam especialmente nas paróquias que lhes são confiadas. Também outras paróquias fornecem notável número de vocações, tendo as do clero secular 16 menções e as de outros Religiosos 7. Esta notável diferença de menções é devido ao fato

de que 70% das paróquias está, no Brasil, confiada ao clero secular e que as demais 30% const tuem, em primeiro lugar, o campo de recrutamento para a Congregação à qual estão confiadas.

b) Para as Províncias femininas, pelo contrário, são os colégios o mais importante ambiente de recrutamento (23 de 54). Vêm em seguida as paróquias, primeiro as do clero secular com 18 menções e depois as do clero regular com 17. Levando em conta que, como já lembramos, 70% das paróquias está confiada ao clero secular, devemos concluir que as paróquias, confiadas a Religiosos, fornecem relativamente duas vêzes mais vocações.

2) A categoria social.

A classe dos ricos é o ambiente em que, em geral, os Religiosos menos recrutam. Isso vale tanto para os Institutos masculinos como para os femininos. Como categoria em que mais recrutam nenhuma vez é ela mencionada pelos Religiosos e apenas uma vez pelas Religiosas. São as classes pobre e média que fornecem quase a totalidade das vocações. 12 das 30 Províncias masculinas, ou seja 40%, respondem que recrutam mais na classe pobre e 16 de 30, ou seja 53%, na classe média. A situação das Províncias femininas é ligeiramente diferente, recrutando 19 de 54, ou 35%, mais na classe pobre e 18 de 54, ou 33%, mais na classe média.

3) Os vários Estados da Federação.

Esta parte do inquérito pretende descobrir quais os Estados que dão mais vocações e podem ser considerados os principais celeiros de vocações no Brasil. Por isso pergunta o questionário: 1) em que Estados a Província tem casa e, 2) quais dêstes dão mais vocações à Província. A resposta à segunda pergunta indicará eventualmente mais de um Estado, podendo-se concluir do primeiro colocado que é êle que se destaca entre os demais enumerados. Consequentemente traz o levantamento três colunas: 1) o número de Províncias que têm casa em um determinado Estado, 2) número de Províncias que o mencionam entre os Estados que lhes dão mais vocações e 3) o número de primeiras colocações dêste Estado entre vários outros. A relação entre as três colunas revelará a riqueza ou pobreza de vocações dos Estados. Aquêlê Estado tem maior riqueza de vocações que, com igual número de Províncias que nêle têm casa, tem maior número de Províncias que nêle mais recrutam. Esta riqueza se acentua enquanto maior número de Províncias o colocam como primeiro entre os que lhes dão mais vocações.

Estados em que as Províncias masculinas

	têm casas		recrutam mais		em 1.º lugar
São Paulo	14	Minas Gerais	9		7
Distrito Federal	12	Santa Catarina	7		5
Minas Gerais	12	Rio Grande do Sul	4		3
Rio de Janeiro	11	Ceará	4		3

Santa Catarina	7	São Paulo	4	3
Rio Grande do Sul	7	Pernambuco	2	1
Paraná	5	Espírito Santo	1	0
Ceará	5	Maranhão	1	0
Pernambuco	4	Distrito Federal	0	0
Goiás	4	Rio de Janeiro	0	0
Bahia	4	Paraná	0	0
Pará	4	Goiás	0	0
Espírito Santo	3	Bahia	0	0
Mato Grosso	2	Pará	0	0
Alagoas	2	Mato Grosso	0	0
Paraíba	2	Alagoas	0	0
Rio Grande do Norte	2	Paraíba	0	0
Maranhão	2	Rio Grande do Norte	0	0
Amazonas	1	Amazonas	0	0
Sergipe	0	Sergipe	0	0
Piauí	0	Piauí	0	0

Estados em que as Províncias femininas

	têm casa		recrutam mais	em 1.º lugar
São Paulo	24	Minas Gerais	13	10
Minas Gerais	19	Rio Grande do Sul	13	7
Santa Catarina	17	Santa Catarina	10	6
Rio Grande do Sul	17	São Paulo	7	1
Distrito Federal	16	Ceará	6	4
Paraná	16	Paraná	4	3
Rio de Janeiro	12	Paraíba	3	0
Ceará	10	Pernambuco	3	2
Bahia	8	Espírito Santo	3	0
Pernambuco	8	Rio Gr. do Norte	2	0
Pará	8	Goiás	2	0
Rio Grande do Norte	6	Pará	1	0
Amazonas	5	Maranhão	1	0
Goiás	5	Sergipe	1	0
Paraíba	5	Distrito Federal	1	0
Maranhão	4	Piauí	1	0
Mato Grosso	4	Bahia	1	0
Piauí	4	Mato Grosso	0	0
Espírito Santo	3	Alagoas	0	0
Alagoas	2	Rio de Janeiro	0	0
Sergipe	2	Amazonas	0	0

a) O resultado geral não é notavelmente diferente para as Províncias masculinas e femininas, excessão feita para o número de Estados indicados por umas e outras como dando mais vocações, mencionando as masculinas 8 e as femininas 17 Estados. Esta diferença se explica pelo fato de o número de respostas das Províncias masculinas ser inferior ao das femininas (30 e 54), e de o território das Províncias femininas ser frequentemente mais limitado do que o das masculinas, consequência do maior número de Províncias femininas (301 contra 159).

b) A diferença de riqueza de vocações entre os vários Estados é notável.

1. Os Estados de Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Ceará são indiscutivelmente os principais celeiros de vocações no Brasil, tanto para os Religiosos como para as Religiosas. Concluimos para isso pelo elevado número de Províncias que os colocam entre os Estados que lhes dão mais vocações (2a. coluna do levantamento), em comparação ao número de Províncias que mencionam terem casa nêles (1a. coluna). Todos êles têm um elevado número de primeiras colocações quanto ao recrutamento (3a. coluna). O Ceará é um caso muito particular. Apenas 5 Províncias masculinas mencionam terem casa neste Estado, mas 4 delas o colocam entre os Estados que lhes dão mais vocações e 3 o colocam até no primeiro lugar. Para as Províncias femininas são os dados respectivamente 10, 6 e 4.

2. Com o Estado de São Paulo acontece o contrário ao caso do Ceará. Embora 14 Províncias masculinas o mencionem entre os Estados em que têm casa (1a. coluna), figura êle apenas 4 vêzes entre os Estados que lhes dão mais vocações (2a. coluna) e apenas 3 vêzes em primeiro lugar. Os dados das Províncias femininas, respectivamente 24, 7 e 1, são menos favoráveis ainda. O Estado de São Paulo, quando à riqueza de vocações, certamente não pode rivalizar com os quatro acima indicados.

3. Entre os Estados mais importantes da Federação que manifestam particular pobreza de vocações, figuram o Distrito Federal, o Estado do Rio de Janeiro e da Bahia. Não obstante muitas Províncias, tanto masculinas como femininas, tenham casa nestes Estados, particularmente no Distrito Federal e no Estado do Rio, Província masculina alguma os menciona entre os Estados que lhes dão mais vocações; pela femininas são mencionados o Distrito Federal e Bahia, mas ambos apenas uma vez.

4. Uma posição intermédia, quanto ao recrutamento, conforme o critério da riqueza das vocações acima indicado, ocupam os Estados de São Paulo e Pernambuco e, para as Províncias femininas, ainda Espírito Santo, Paraná e Paraíba.

5. Todo o Centro-Oeste e Norte, ambos aliás com ínfima densidade de população, como também todo o Nordeste, êsse porém com relativamente alta densidade, se manifestam particularmente pobres de vocações. Desta imensa região fazem apenas exceção Pernambuco, parcialmente — para as vocações femininas — Paraíba, e principalmente Ceará.

Ordem dos Estados, quanto à riqueza de vocações, com os correspondentes números das três colunas do levantamento.

masculinas			femininas		
1.	Santa Catarina	7 — 7 — 5	1.	Minas Gerais	19 — 13 — 10
2.	Minas Gerais	12 — 9 — 7	2.	Rio Grande do Sul	17 — 13 — 7
3.	Ceará	5 — 4 — 3	3.	Santa Catarina	17 — 10 — 6
4.	Rio Grande do Sul	7 — 4 — 2	4.	Ceará	10 — 6 — 4
5.	Pernambuco	4 — 2 — 1	5.	Paraná	16 — 4 — 3
6.	São Paulo	14 — 4 — 3	6.	Pernambuco	8 — 3 — 2

7. Espírito Santo	3 — 1 — 0	7. São Paulo	24 — 7 — 1
8. Piauí	0 — 0 — 0	8. Espírito Santo	3 — 3 — 0
9. Sergipe	0 — 0 — 0	9. Paraíba	5 — 3 — 0
10. Amazonas	1 — 0 — 0	10. Goiás	5 — 2 — 0
11. Rio Grande do Norte	2 — 0 — 0	11. Rio Grande do Norte	6 — 2 — 0
12. Maranhão	2 — 0 — 0	12. Distrito Federal	16 — 1 — 1
13. Paraíba	2 — 0 — 0	13. Sergipe	2 — 1 — 0
14. Alagoas	2 — 0 — 0	14. Maranhão	4 — 1 — 0
15. Mato Grosso	2 — 0 — 0	15. Piauí	4 — 1 — 6
16. Pará	4 — 0 — 0	16. Pará	8 — 1 — 0
17. Bahia	4 — 0 — 0	17. Bahia	8 — 1 — 0
18. Goiás	4 — 0 — 0	18. Alagoas	2 — 0 — 0
19. Paraná	5 — 0 — 0	19. Mato Grosso	4 — 0 — 0
20. Rio de Janeiro	11 — 0 — 0	20. Amazonas	5 — 0 — 0
21. Distrito Federal	12 — 0 — 0	21. Rio de Janeiro	12 — 0 — 0

Esta ordem foi elaborada conforme o critério de riqueza de vocações, acima enunciado: Tanto mais rico de vocações será um Estado, quanto mais elevado o número da 2.^a coluna (número de Províncias às quais este Estado dá mais vocações) em comparação com o número da 1.^a coluna (número de Províncias que têm casa neste Estado). Esta riqueza acentuar-se-á enquanto fôr mais elevado o número da 3.^a coluna (Províncias que mencionam este Estado no primeiro lugar entre os que lhes dão mais vocações). Convém lembrar que esta ordem se baseia nas respostas de apenas 18% das Províncias masculinas e 17% de femininas.

C. As principais dificuldades no recrutamento.

1) Entre as dificuldades que as Províncias, tanto masculinas como femininas, encontram, figuram no primeiro lugar as de ordem financeira, respectivamente 13 de 30 e 15 de 54.

2) Entre as restrições por parte de terceiros, seculares ou religiosos, mencionam 6 Províncias masculinas a concorrência desleal de outros Religiosos e 6 restrições da parte de clero secular. Das Províncias femininas mencionam 11 a oposição das famílias, 7 a concorrência de outras Religiosas e 7 a contra-propaganda do clero em favor do apostolado dos leigos, afastando desta forma as candidatas da vida religiosa.

3) A falta de pessoal para o trabalho de recrutamento é sentida por 3 Províncias masculinas e a dificuldade da seleção por 6.

4) 3 Províncias femininas consideram o grande número de egres-sas de muitas Congregações um obstáculo para a entrada de novas candidatas.

AS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS DURANTE O VII CONGRESSO EUCHARÍSTICO NACIONAL

Pe. Manuel Jiménez C. P.

Quando aparecerem as presentes linhas na Revista da C. R. B. será fato consumado a grande preparação espiritual da Cidade de Curitiba para o Congresso Eucarístico Nacional que terá aí sua sede. Noventa e cinco missionários Redentoristas, Passionistas e Claretianos dedicar-se-ão com afincó à renovação das almas pela caridade, pela graça de Deus, alma de tôda vida católica.

Mas na hora de alerta em que vivemos, na conjuntura de verdadeira batalha na defesa da fé católica, cumpre aproveitar tão maravilhosa coesão para despertar maior amor e maior conhecimento das tradições que alicerçam a nossa vida cristã e mesmo a vida tôda da nação.

E' deplorável a atitude de muita gente que julga poder equiparar as deferências e obrigações para com a religião católica às que devem ser dadas a qualquer outra denominação religiosa ou pseudo-religiosa. Muitas vêzes trata-se de grupos organizados ainda ontem, sem benemerências, sem doutrinas sérias, sem organização que possa credenciar seus representantes. Entretanto, apresentam-se estas pessoas nas oficinas públicas, nas cadeias ou casas de correção (como na minha vida de missionário, percorrendo quasi todo o Brasil, tenho tantas vêzes constatado) e recebem o mesmo tratamento, as mesmas facilidades para convocar os jovens aí em curso de educação ou reeducação, semeando unicamente confusão naquelas mentes impreparadas para distinguir as razões verdadeiras das falsas.

Por outro lado, atravessamos um período de renovação e independência. As gerações modernas olham com displicência para os séculos passados, julgando talvez que possam avaliar-lhes a cultura, o heroísmo e o valor humano, cívico e religioso pelo grau inferior dos progressos da técnica e do confôrto.

Na realidade está ainda para ser provado que nós, os das gerações post-bélicas, que desfrutamos de tamanho progresso na civilização, estamos cristalizando realizações tão perduráveis como as antigas, tão fortes que desafiem igualmente os séculos, tão santas que, no cadilho do

tempo e no choque com outras correntes, apareçam, com evidência, sua superioridade e firmeza.

Com estas duas premissas à vista é que nos lançamos ao trabalho de apresentar durante o VII Congresso Eucarístico Nacional uma síntese da História da Igreja no Brasil. O desejo expresso do digníssimo Sr. Arcebispo D. Manuel da Silveira D'Elboux prende-se a uma sugestão anteriormente dada por D. Agnello Rossi no relatório apresentado ao Episcopado Nacional sobre o desenvolvimento do protestantismo no Brasil.

Julga oportuno o Exmo. Sr. Bispo de Barra do Piraí, como meio ótimo para sustar a avalanche das seitas, pôr insistentemente perante os olhos do povo as benemerências da Igreja. Tanto mais que, como dizia ainda há pouco SS. João XXIII, no discurso aos professores e alunos do Instituto "Alexandre Volta", "a Igreja não é museu de lembranças: manifesta sempre, cada vez melhor, a própria vitalidade". Isto, em concreto, significa que quando vamos a expôr o evoluir da ação da Igreja no Brasil, apresentando as primeiras paróquias, as primeiras Santas Casas de Misericórdia, as primeiras escolas etc., tudo isso pertence ao passado e ao presente, dado que elas ainda funcionam.

Se considerarmos que mais da metade do nosso povo não frequenta as escolas e que, dos que frequentam escolas, poucos cursam os estudos secundários, e ainda que mesmo desses poucos, a maioria tem professores de história desinteressados de mostrar o aspeto benéfico da Igreja na sociedade, chegaremos à conclusão de que o passado glorioso da Igreja fica no esquecimento e não atúa na consciência e no enraizamento dos fiéis na sua religião.

Talvez com isto estejamos pondo o dedo na chaga e apontando um dos fatores decisivos para o crescimento do protestantismo no Brasil. A R.E.B. tem falado com suficiente clareza. As estatísticas, imunes ao impacto da sensibilidade, continuam, ano a ano, acusando um crescimento ininterrupto das seitas cristãs. Crescimento alarmante porque supera de muito o acréscimo normal que era de esperar pela progressão da natalidade. Entre mil conversões ao protestantismo na América Latina, setecentas correspondem ao Brasil. As trezentas restantes dividem-se entre as vinte e quatro nações de língua espanhola. Não poderá ser explicada esta desproporção (que em cifras se expressaria assim: 60 milhões de brasileiros fornecem 70%; 159 milhões de hispano-americanos fornecem 30%), pela equivalente proporção, em sentido inverso, do enraizamento nas tradições e o influxo delas no presente?

Uma contra-prova do influxo benéfico das tradições cristãs, quando vividas e incorporadas sadiamente à vida cristã da comunidade, é o índice superior de protestantes nas cidades novas, como Londrina e todo o norte do Paraná, e o mínimo deles nas regiões mais tradicionais de Minas.

E', pois, para trabalhar neste sentido que está sendo preparada

a exposição da História da Igreja. Não percamos tempo em lamentações. Isso nada resolve. Cumpre empreender um trabalho, confiantes em que ele será útil para a causa da Igreja. Isso basta.

Obviamente falar da história da Igreja no Brasil é a mesma coisa que falar em História do Brasil pura e simplesmente. Por isso temos procurado a colaboração da Biblioteca e do Arquivo Nacional, do Itamarati, dos Institutos históricos dos diversos Estados da República, do Patrimônio Artístico Nacional, etc.

Como acontece quase sempre, a idéia inicial é mais simples e aos poucos vai se enriquecendo com as sugestões de muitos. Assim a nossa exposição cresceu. Além da História da Igreja no Brasil foi considerado oportuno aproveitar o subsolo do magnífico edifício em cimento e vidro que vamos inaugurar com as Exposições do Congresso, para apresentar a reprodução das Catacumbas de Roma.

Discutiu-se se convinha reproduzir fielmente trecho da catacumba de S. Calixto, mais visitado pelos peregrinos, ou se conviria apresentar um apanhado geral de quanto afresco interessante possuem as outras catacumbas. Prevaleceu o meio termo. Convém que as galerias, no seu traçado etc., correspondam a uma catacumba realmente existente e para isso nada melhor que a de S. Calixto. De modo nenhum, porém, poderíamos prescindir dos outros afrescos. Decidiu-se assim incorporá-los nas capelas "ad hoc" construídas. Graças a Deus, quando da nossa permanência em Roma, fizemos parte da sociedade dos "cultores martirum" e assim pudemos conhecer inúmeros locais, quase sempre inacessíveis aos peregrinos. Afrescos das Catacumbas de Ciríaca, "ad duos lauros", Pretexto, Pedro e Marcelino, Domitila, Lucina, Priscilla etc.

O visitante passará, a seguir, para a exposição bíblica. Nela serão aproveitados os grandes painéis preparados pelo Prof. Barontini, da Academia das Belas Artes. Frisar-se-á, de modo especial, o fato de que ainda não tinha sido escrito o Apocalipse e o IV evangelho e já vários afrescos expostos tinham sido pintados. Prova indiscutível do sincronismo entre Bíblia e tradição. Aliás a finalidade toda da reprodução das Catacumbas é explorar-lhes o alto valor apologético. São documentos eloqüentes das crenças dos primeiros cristãos. Lá estão os grafitos, as epígrafes, os afrescos, nos falando do culto dos mortos, da intercessão dos santos etc. Apologia muda da religião católica.

Ainda, para melhor enlaçar a História da Igreja no Brasil com a história da Igreja Católica, haverá uma exposição dos XI Concílios Ecu-
mênicos, com fotos dos lugares onde foram celebrados, participantes, doutrinas tratadas etc...

Mas o núcleo principal continuará sendo a grande síntese da História da Igreja no Brasil. Para esta parte reservamos dois, e se fôr preciso três, dos extensos andares do edifício posto à nossa disposição. Usufruímos da oportuna colaboração do Engenheiro do Palácio do Governo, Dr. Euro Brandão (ao mesmo tempo Presidente da Federação das Congregações Marianas do Paraná) e duma equipe seleta de artistas e de-

coradores.

Numa carta de apresentação D. Manuel da Silveira D'Elboux (Dom Delboux, como carinhosamente o chama seu clero) pede a colaboração das autoridades civis, militares e religiosas para êste importante trabalho, que visa objetivar aos olhos do povo alguma coisa do muito que a Igreja tem feito para a espiritualização, para o conforto, e para o progresso do povo brasileiro. Lídimas glórias do país, pois que a Igreja não é um ente abstrato; foram os católicos brasileiros de outras épocas que tais coisas fizeram e seu exemplo deve ser apreciado, recolhido e melhorado pelas gerações atuais.

Eis os fins da Exposição: coligar o presente com o passado, para estimular o trabalho de hoje; fazer tomar ao povo cristão consciência de sua unidade com a história da Pátria e de suas realizações como prosseguimento das paternas tradições.

Inútil seria frisar a parte ingente que aqui tiveram e têm as Ordens e Congregações religiosas. A história dos séculos passados e o meio século que já decorreu dêste em que vivemos, está escrita como filigrana de prata, pelo trabalho heróico dos religiosos e a paciência maternal e carinhosa das congregações femininas.

Dada a vastidão e minúcia dêsse **Panorama**, nosso trabalho seria impossível sem a cooperação voluntária de todos.

Temos feito o maior esforço para nos documentar e para aproveitar tudo quanto já foi publicado. Escrevemos, às pressas, estas breves linhas aqui no Rio onde estamos trabalhando para obter o material que figurou na exposição de Bruxelas.

Mas estamos cõscios de quanto é ainda escasso nosso material de frente ao muito que poderia ser recolhido.

Aproveitamos, pois, da benévola oferta do Revmo. Pe. Presidente da C.R.B. que pediu a redação destas breves linhas para a Revista. Graças a Deus temos êsse órgão magnífico que nos permite entrar simultaneamente em contato com quase tôdas as casas religiosas do Brasil. Esperamos que não poucos queiram cooperar conosco, com sugestões históricas, ou artísticas, com dados, referências etc. A correspondência pode ser enviada à: Comissão Artística do VII C.E.N. — Igreja do Alto do Cabral — Curitiba. Paraná.

ADMINISTRAÇÃO DAS CASAS RELIGIOSAS — II

O Problema da Conservação de Alimentos

Dr. Pierre Aubry

(especial para a Revista da C.R.B.)

Resumo da Primeira Parte (Revista da C.R.B., n.º 47, p. 303)

O homem, desde tempos imemoriais, tem tido necessidade de conservar os produtos destinados à sua alimentação. Desta maneira, êle poderia usar parte dos suprimentos que possuía para prover às necessidades do futuro. Visando formar reservas alimentícias mais seguras foram utilizados vários processos: deshidratação, salga, defumação, calor e frio natural, frio artificial, etc.

Até hoje nenhum dos métodos de conservação pode ser considerado como perfeito.

O trabalho desenvolvido pelos cientistas em busca de atender às exigências do abastecimento, abriu caminho para o emprêgo de antibióticos contra a decomposição dos alimentos. O progresso nêsse sentido tem sido extraordinário.

Desde 1941 os tecnologistas de alimentos multiplicaram os estudos científicos e realizações práticas.

Finalmente, a descoberta da Aureomicina (clorotetraciclina), pelo Dr. Benjamin Duggar, levada a efeito nos Laboratórios Lederle, da American Cyanamid Company (em Pearl River, nos Estados Unidos) solucionou a escolha do elemento bacteriostático de amplo espectro que preenchesse as condições fundamentais exigidas para a conservação de alimentos perecíveis.

A Aureomicina é ativa em doses diminutas, não é tóxica, não altera as características dos alimentos, e é eliminada ou destruída pelos próprios enzimas ou pelos processos culinários habituais.

ACRONIZE — marco de uma nova era na conservação de alimentos.

A descoberta da Aureomicina, considerada como o elemento mais eficaz contra os microrganismos responsáveis pela putrefação, permitiu resolver o problema que desafia a indústria dos alimentos de origem animal: o da conservação.

As investigações realizadas pelos cientistas nos diferentes países (inclusive no Brasil) confirmaram essa vitória.

Entre as organizações que logo se destacam nessas pesquisas deve-se citar a American Cyanamid Company, que, na base da Aureomicina, chegou a elaborar o seu produto denominado ACRONIZE, destinado à conservação dos alimentos perecíveis.

A deterioração dos alimentos pela ação dos microrganismos sempre constitui uma problema grave, sendo que a finalidade principal de todos os métodos modernos de conservação consiste na eliminação ou retardamento dessa ação nociva.

O congelamento, desidratação, a defumação, a salga, a fermentação e o enlatamento são todos processos já conhecidos pelo consumidor de gêneros alimentícios.

Entretanto, antes do advento dos antibióticos, não se conhecia nenhum composto químico inofensivo que pudesse, em quantidade mínima, prolongar a conservação em estado fresco dos alimentos pela inibição radical da proliferação bacteriana.

Os alimentos estragam-se por diversos mecanismos. A decomposição bacteriana é, em geral, o que causa maiores prejuízos aos produtores, distribuidores e consumidores; os alimentos deteriorados pelas bactérias oferecem grave perigo à saúde do consumidor.

Convém citar aqui, que apenas pequenas quantidades de carne podem ser manipuladas de uma só vez para serem salgadas, secas, defumadas, enlatadas ou embutidas; a maior parte da carne é distribuída em estado fresco, por manipulação rápida em regiões que não dispõem de boa refrigeração, ou pelo esfriamento, a temperaturas suficientemente baixas que porém também inibem a ação dos enzimas autolíticos.

O ACRONIZE, possuindo o amplo espectro de ação antibacteriana, permite que a carne possa ser armazenada a temperaturas mais elevadas, sem afetar a ação dos enzimas autolíticos responsáveis pela maturação da carne, que a tornam mais tenra.

ACRONIZE é o nome comercial dado a uma série de produtos que contém uma determinada concentração de Aureomicina e outros elementos comestíveis, umectantes, dispersivos ou estabilizantes, segundo a fórmula.

Todos os tipos de produtos denominados ACRONIZE atuam de modo enérgico e eficaz contra uma larga série de microrganismos, inclusive germes Gram-positivos, Gram-negativos, rickettsias e virus maiores, agindo tanto contra os aeróbios como contra os anaeróbios.

As aplicações do ACRONIZE

A aplicação do ACRONIZE nos alimentos pode ser recomendada nos seguintes casos:

- 1) Para evitar a deterioração de alimentos perecíveis durante o transporte e armazenagem;
- 2) Como coadjuvante na refrigeração;

3) Para evitar a contaminação bacteriana em alimentos destinados a congelação;

4) Para reduzir a concentração de germes em alimentos a serem esterilizados;

5) Para controlar a contaminação em processos biológicos, tais como a fermentação.

A ação útil do ACRONIZE só se fará sentir quando tôdas as operações forem realizadas com um máximo de cuidados higiênicos. Devo esclarecer também que o ACRONIZE não poderá servir de substituto dos desinfetantes e nem poderá recuperar alimentos já deteriorados por manipulação ou acondicionamento inadequados. Poderá, isto sim, prolongar o prazo útil de armazenamento de um produto preparado segundo os preceitos de higiene, e, desta forma, garantir ao consumidor um alimento de qualidade superior.

Uma grande parte das milhares de toneladas de alimentos que se estragam anualmente poderia ser salva pelo uso do ACRONIZE, favorecendo desta maneira não apenas o industrial mas também o consumidor. O custo deste produto é insignificante, se comparado com o grande valor dos alimentos que escaparão à condenação e diante das outras vantagens que êle apresenta.

O ACRONIZE no Brasil

A introdução do ACRONIZE no Brasil operou-se em duas fases.

A primeira consistiu numa série de experiências promovidas pela Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura. Nesta fase, foram levadas a efeito as pesquisas realizadas pelo Departamento de Indústria, Inspeção e Conservação de Produtos de Origem Animal da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de São Paulo, Secção de Tecnologia do DIPOA do Ministério da Agricultura e a Inspeção Sanitária, junto ao Entrepasto de Pesca do Distrito Federal, por determinação da Inspetoria Regional da DIPOA no Rio de Janeiro.

Para os testes foram utilizados os seguintes tipos de ACRONIZE:

- 1) ACRONIZE "PD" (contendo 10% de clorotetraciclina)
- 2) ACRONIZE "BI" (contendo 16,5% de clorotetraciclina)
- 3) ACRONIZE "M" (contendo 2,33% de clorotetraciclina)
- 4) ACRONIZE "MI" (contendo 40% de clorotetraciclina)

Foram submetidas aos processos de "ACRONIZAÇÃO" as seguintes espécies de animais e de produtos de origem animal:

1. AVES. — Imersão na solução aquosa contendo ACRONIZE "PD".
2. BOVINOS. — Injeção antes do abate da solução contendo ACRONIZE "M"; pulverização de carcassas e segmentos de carne com a solução contendo ACRONIZE "PD".
3. SUINOS. — Injeções referidas acima; imersão e pulverização de segmentos de carne de suínos como costeletas, lombos, pernis e paletas.

4. PEIXES E CRUSTÁCEOS. — Acondicionamento no gelo de ação reforçada "ACROGEL" por meio de ACRONIZE "BI"; imersão na solução aquosa contendo ACRONIZE "PD".
5. CARNE SECA E CARNES SALGADAS. — Imersão na salmoura contendo ACRONIZE "PD", seguida de pulverização com a solução aquosa contendo ACRONIZE "PD".
6. PRODUTOS DE SALSICHARIA TIPO FRESCAL. — Incorporação do ACRONIZE "PD", na carne moída, através do uso da solução aquosa.
7. PRODUTOS DEFUMADOS. — Imersão ou pulverização após a defumação, por intermédio de solução aquosa contendo ACRONIZE "PD".

Os testes acima referidos, acompanhados da análise bacteriológica, dos produtos tratados e não tratados (testemunhas), contagem residual de elementos bacteriostáticos do ACRONIZE, pelos exames organolépticos e provas de "degustação", resultaram numa aprovação oficial de uso do produto "ACRONIZE" para a conservação das carnes vermelhas, aves e pescado.

A respectiva autorização foi outorgada pela Divisão de Inspeção de Produtos de Origem Animal do Ministério da Agricultura em 21 de Novembro de 1956, sob N.º 1067/346/56.

A segunda fase, após a aprovação oficial da DIPOA, foi consagrada à adaptação do processo de "ACRONIZAÇÃO" nas entidades e estabelecimentos industriais e comerciais com o objetivo de conseguir o aumento do prazo de estocagem e facilitar a distribuição do alimento fresco.

Benefícios às coletividades

O processo de conservação de alimentos deve ser estudado não somente pelos responsáveis pela alimentação da população e os produtores de alimentos, mas também pelos administradores de instituições coletivas tais como escolas, casas religiosas, etc. para oferecer alimentos proteicos frescos em quantidade suficiente para atender às necessidades imediatas e resolver problemas de armazenagem.

Mesmo nos países de produção intensa, as grandes populações das cidades têm que receber seus gêneros de fazendas localizadas a centenas de quilômetros de distância. Daí surge sempre o problema do transporte, estocagem e entrega do produto ao consumidor, em boas condições de higiene e conservação.

Várias nações vêm lutando, de duas maneiras, contra a extrema facilidade de deterioração desses produtos; ou produzindo no local do consumo, ou refrigerando para a distribuição ao consumidor. Este último processo tem-se desenvolvido nalguns países (Estados Unidos, por exemplo), onde os gêneros deterioráveis são refrigerados ou mesmo congelados no local da produção e, daí, estocados, transportados, distribuídos e até mesmo guardados nos lares sob refrigeração contínua, até serem cozidos ou consumidos.

Entretanto, a refrigeração serve para retardar o desenvolvimento

das bactérias presentes, e, em alguns casos, para alterar a microflora.

Isto é precisamente o que pode proporcionar ACRONIZE; inibir o crescimento das bactérias já existentes no alimento.

Nem a refrigeração nem o ACRONIZE, porém, podem esterilizar os alimentos.

Não há dúvida de que a aplicação do ACRONIZE, combinada com a refrigeração, seja mais eficaz para a conservação dos alimentos do que qualquer um desses processos aplicados separadamente.

Em muitos países, inclusive o Brasil, onde a refrigeração é escassa ou não existe, o ACRONIZE sem outra ação complementar consegue aumentar o prazo de duração e de conservação de alimentos.

Por este motivo os administradores de instituições coletivas deveriam tomar conhecimento da "ACRONIZAÇÃO" de produtos destinados ao abastecimento interno.

Especifica-se abaixo, em síntese, a utilização racional do ACRONIZE:

- 1) — A ação bacteriana é a causa principal da deterioração dos alimentos;
- 2) — ACRONIZE é considerado o produto mais eficiente para retardar a deterioração causada pelas bactérias nas carnes vermelhas, aves e pescado;
- 3) — Aplicação do ACRONIZE (quando não por injeção no animal vivo) deve ser feita o mais cedo possível, depois do abate ou captura, no caso do pescado;
- 4) — A aplicação do ACRONIZE deve ser efetuada sob condições higiênicas;
- 5) — ACRONIZE não esteriliza os alimentos;
- 6) — ACRONIZE não regenera produtos já deteriorados;
- 7) — ACRONIZE não altera o gosto, o cheiro ou a cor dos alimentos; a ACRONIZAÇÃO mantém, mas não determina, odor e sabor dos alimentos tratados;
- 8) — O ACRONIZE constitui para o consumidor um seguro contra a má qualidade do produto e contra a intoxicação.

A falta e insuficiência de refrigeração no Brasil vem a ser um dos elementos responsáveis pela carência e distribuição inadequada de produtos de origem animal.

Foi este o mais importante motivo que orientou as investigações levadas a efeito para adaptar o uso do ACRONIZE neste país.

Se o ACRONIZE pode representar para o Brasil um grande passo na batalha da alimentação devemos acrescentar ainda, que este método de preservação de alimentos frescos poderá contribuir essencialmente para alcançar um dos principais objetivos abordados pelo Presidente da "Food and Agricultural Organization" (FAO), Dr. Binnay Ranjansen: "Elevar os padrões de nutrição de milhares de pessoas, cujo poder aquisitivo não lhes permite comprar os alimentos ricos em proteínas de que necessitam para conservar a saúde".

CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS AUXILIARES DE NOSSA SENHORA DA PIEDADE

*I.M.S.P. — Irmã Auxiliar de
N. S. da Piedade*

Num transbordamento de regozijante alegria receberam as Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade, no dia 5 de agosto do corrente ano, o "Decretum Laudis" que eleva a fundação brasileira a Congregação de Direito Pontifício.

As preces de ação de graças e festividades realizadas em cada casa da Congregação, desde o raiar da venturosa notícia, culminaram na tarde do inolvidável dia 5 de agosto, quando Sua Excia. Revma. Dom João de Resende Costa, DD. Arcebispo Coadjutor, fez a solene entrega do documento pontifício.

Com a presença do extremoso Pastor, Exmo. Sr. D. Antônio dos Santos Cabral, que amparou as Irmãs nas horas de angústia e agora vinha regozijar-se com elas no momento do triunfo, foi-nos grata ainda a presença de S. Excia. D. João Cavatti, Bispo Titular de Eucárpia, de S. Excia D. Cristiano Portela de Araújo Pena, Bispo de Divinópolis, assim como dos Revmos. Vigários Gerais Mons. José Augusto Dias Bicalho e Mons. Juvenal Honório dos Santos, este último Diretor da Congregação. Presentes ainda os representantes do Exmo. Governador do Estado e do Prefeito Municipal, sacerdotes amigos e benfeitores, religiosos de outras congregações, pessoas amigas, alunas e domésticas.

As 16 horas teve início a cerimônia, celebrando S. Excia. Revma. D. João de Resende Costa o augusto sacrifício, acolitado pelos digníssimos Vigários Gerais.

Após a Santa Missa, S. Excia. Revma., revestido dos paramentos sagrados, requereu a presença aos pés do altar das Revdas. Madres Geral e Assistente, Madre Carmelita e Irmãs do Conselho que, ajoelhadas, receberam de suas mãos o "Decreto de louvor" e a cópia das Santas Constituições.

O Exmo. Sr. Arcebispo, em palavras comoventes e enternecedoras, apresentando seus cumprimentos à Congregação, enalteceu a figura e a obra de Mons. Domingos Evangelista Pinheiro, o caríssimo Pai e Fundador, evocando seus feitos notáveis, dizendo do júbilo e da felicidade de

que êle e as religiosas que nos precederam na glória celeste deviam estar possuídos, presenciando aquêle momento solene. Suas felicitações foram dirigidas principalmente à Madre Carmelita do Coração de Jesus, "laço de união entre as Irmãs antigas e as atuais", conforme a expressão de S. Excia.; a única das fundadoras ainda existente, verdadeiro baluarte na edificação dêsse majestoso edifício que pretende ser a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade.

Focalizou ainda a figura amiga e dedicada do Eminentíssimo Senhor Cardeal Mota, pai e protetor da Congregação, desde a morte de seu fundador e que conseguiu, com seu prestígio, apressar a aprovação pontifícia.

Referindo-se a D. Cabral, disse que aquela alma de apóstolo, que jamais poupou esforços para estender o reino de Cristo nesta região, também acompanhou de perto, carinhosamente, nas lutas, nos sofrimentos, o progresso da Congregação; portanto era motivo de muita satisfação, sua presença.

Continuou dirigindo seus cumprimentos à Rvda. Madre Júlia da I. do D. Infante, atual Superiora Geral e à Madre Maria Ângela do C. de Jesus, Assistente Geral, que tanto trabalharam para a consecução dêsse decreto de tão alta significação para nós.

Um Nome... Uma Vida!

O nome — Monsenhor Domingos Evangelista Pinheiro.

Uma vida — sua vida crivada de sacrifícios, abnegação e heroísmo.

Seja-nos permitido, ao ensejo do triunfo que a Igreja nos concede, evocar o herói e descrever sua vida de lutas, de aspirações sublimes e magníficas realizações.

No dia 21 de julho de 1843, o lar dos veneráveis espôsos Capitão João Evangelista da Silva e D. Isabel Florentina da Mata e Silva era enriquecido com o nascimento de mais um filho, que, na pia batismal, receberia o nome de Domingos Evangelista.

Bem cedo se revelaram na alma do jovem as predileções da Divina Providência e êle se sentiu atraído à vocação sacerdotal.

Domingos Evangelista foi sempre um jovem de escol, bebendo avidamente as instruções que seu mestre e pai espiritual, Padre João de Santo Antônio, lhe transmitia prazerosamente.

Atormentavam-no, entretanto, sofrimentos de alma, pungentes espinhos, que haveriam de se cravar em sua coroa a vida inteira. Guiou-o nesta crise de alma o Revmo. Padre Pedro Maria de Lacerda, o qual, certa vez, procurando confortá-lo usou de uma brincadeira, sem sequer adivinhar-lhe o sentido profético: "Domingos, tu serás Padre quando eu fôr Bispo". E assim se realizou! A 17 de janeiro de 1869 era Domingos Evangelista Pinheiro ordenado sacerdote por D. Pedro Maria de Lacerda, recém-sagrado Bispo do Rio de Janeiro e que pedira licença para realizar essa ordenação.

Dia 5 de fevereiro, a celebre Matriz de Bom Sucesso, de Cacté, se

revestia de gala, para a cerimônia da primeira Missa Solene, a ser celebrada por aquêle de seus filhos, que mais a ilustraria no conceito da Igreja.

Logo, em outubro dêsse mesmo ano, era o Padre Domingos nomeado Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição de Raposos, cargo que exerceu até 1872, quando passou a Vigário de sua terra natal. Nesta vasta paróquia, sua alma de apóstolo ainda não estava satisfeita. Seu ideal mais belo seria não morrer, mas sofrer, sorvendo o cálice de amargura, a exemplo do Divino Mestre, para a conversão de cada alma, apostolando o Bem, fazendo desta terra a ante-câmara do Paraíso à humanidade inteira. Não era isto o que revelava sua súplica preferida: "Hic ure, hic seca, hic non parcas, ut in aeternum parcas"?

Esta sêde de imolação e de apostolado levou-o à prédica de missões em várias localidades, com outros sacerdotes.

Com seus sermões, procurava debelar o temor, a desconfiança e o desespero da salvação, suscitada pelas terríveis apóstrofes sobre o inferno, com que um de seus companheiros invetivava as almas. Levava-as, assim, à confiança na misericórdia divina, com a visão de um paraíso celeste, prometido a tôdas as almas de boa vontade.

Desde a sua nomeação para a paróquia de Caeté, tomou sob sua paternal solicitude a ermida da Piedade, aquela piedosa Torre do Silêncio, no dizer de Afonso Arinos, erguida pela vontade indômita do português Bracarena.

Padre Domingos, querendo conservar-lhe a tradição e salvar do fisco os bens do Santuário, incentivou as romarias, criando a Irmandade de N. S. da Piedade, em 1875, e alcançando, por Breve Pontifício de 1876, a graça de "altar privilegiado", para o altar mor e o jubileu anual, rico de indulgências, a serem alcançadas de 15 a 22 de agosto.

Pe. Domingos, no exercício de seu ministério, deparava-se, sempre, com o doloroso espetáculo do abandono em que se encontravam tantas meninas, expostas, assim, a mil perigos. Acresce, ainda, o fato de haver sido publicada a "lei do Ventre Livre" e Pe. Domingos mais se preocupou com a sorte das infelizes filhas dos escravos; com a sua visão antecipadora, previu o abandono e desleixo a que seriam relegadas, sem ter quem cuidasse de sua instrução, já que não receberiam, mais, os ensinamentos da "Casa Grande".

Foram êsses os motivos que o levaram a conceber a idéia da fundação de um Asilo, onde as pobrezinhas fôssem, convenientemente, educadas.

Como realizar, porém, êsse grande empreendimento, se lhe faltavam os recursos indispensáveis e o meio em que devia executar sua ação era paupérrimo? Não lhe entibiaram o ânimo forte essas dificuldades e, pondo de parte os conselhos e pedidos de amigos para que não se envolvesse em semelhante emprêsa, superior às suas fôrças aparentes, um belo dia, confiado exclusivamente no auxílio divino, possuindo no bôlso apenas Cr\$ 10,00 (dez cruzeiros), começou a arrebanhar as meninas abandonadas, levando-as para sua casa, onde sua veneranda e santa mãe, a

única que o encorajara nesta obra, as acolhia, carinhosamente, dispensando-lhes os necessários cuidados.

A 25 de agosto de 1878 fundava o Asilo São Luiz, no sopé da Serra da Piedade, utilizando-se do antigo convento de Frei Luís de Ravenna, Frade Capuchinho. Deus sabe as amarguras que seu coração sofreu e as dificuldades que teve de enfrentar, para sustentar essas crianças. Qual outro Cotolengo, manteve sua instituição, durante longo tempo, exclusivamente com os auxílios dos corações bem formados, que jamais negaram seu óbulo, afim de que nada ali faltasse.

Constitui, por isso mesmo, um verdadeiro milagre a existência do Asilo, sendo que esta manifestação da misericórdia divina se verificava de várias maneiras. Às vèzes, avizinhava-se a hora do almoço ou do jantar, quando vinham dizer ao Pe. Domingos que coisa alguma havia na dispensa, para ser passada à cozinha. Homem de fé viva, compenetrado de que Deus não deixaria de vir em socorro das pobrezinhas que ali estavam abrigadas, dirigia-se para o alpendre, voltado para o cume da montanha, onde fica o Santuário de Nossa Senhora da Piedade, olhos fitos na ermida solitária, orava com fervor e aguardava a solução do caso. Bem não havia terminado sua prece, ungida de fervor santo, privilégio das almas eleitas e dos corações bem formados, quando na volta do caminho, ao longe, surgia um vulto de um homem que guiava um animal de carga. Era um sitante vizinho que, inspirado pelo Senhor ou pela Virgem Imaculada, trazia para o Asilo os víveres necessários, naquêlê instante em que a fome parecia querer rondar. Fatos desta natureza eram freqüentes. Mas outros ainda se verificaram, todos êles tendentes a demonstrar que o Instituto fundado pelo Pe. Domingos era abençoado pelo Céu.

Entretanto, não era só a manutenção ou educação das órfãs o problema capital que êle tinha que resolver. Era preciso cogitar do futuro. No seu coração germinou a semente divina da fundação de uma família religiosa, sementinha que, adubada pela graça bemfazeja de maternal Patrona, cresceu e se propagou, transformando-se num maravilhoso viveiro de virgens piedosas, consideradas pelo seu Fundador como "eco de sua voz, como suspiro de seu coração". Como reconhecimento a seu zêlo apostólico, a Santa Sé o agraciou com o título de "Monsenhor", tendo sido nomeado "Capelão Secreto" de Leão XIII em 1898 e "Prelado Doméstico" de Pio X, em 1905.

Para aquêles que não tiveram a dita de conhecê-lo, temos seu retrato traçado por S. Eminência o Senhor Cardeal Mota, a quem amava como um filho e a quem legou sua herança mais cara: a Congregação das Irmãs Auxiliares de Nossa Senhora da Piedade.

Assim o descreveu S. Eminência: "uma alma cheia de nobreza cristã e dignidade sacerdotal; um espírito cheio de graça; um coração cheio de caridade transbordante para todos; um semblante sempre alegre e jovial, num corpo sempre sofredor; apesar de avantajado em estatura e estrutura; uma fisionomia extraordinariamente simpática, de côr branca

e olhos azuis, emoldurada numa bela cabeça de cabelos alevantados e alvíssimos: — eis o ligeiro perfil dêsse grande mineiro, dêsse grande patriota, dêsse grande sacerdote, sempre querido de Deus e dos homens e para sempre abençoado”.

Serenamente, como um justo, Monsenhor Domingos faleceu no dia 6 de março de 1924, no Asilo São Luis da Serra da Piedade, com o espírito lúcido e consciente até os últimos momentos, também descritos pelo então Pe. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota:

“Na véspera, recebera, devotamente, a sagrada comunhão. Após o meio dia, recebera o sacramento da Extrema Unção, respondendo, êle mesmo, a tôdas as orações dêsse Sacramento, com voz clara e calma. Invocava sempre os Santíssimos Nomes de Jesus, Maria e José, o Sagrado Coração de Jesus e Nossa Senhora da Piedade. Depois de repetir, já apenas balbuciando, moribundo, sua jaculatória predileta: “aqui queima, aqui corta, aqui não poupes; afim de poupares na eternidade”, e de pronunciar aquelas memoráveis palavras: “in manus tuas, Domine, commendo spiritum meum”, Monsenhor Pinheiro, realmente, entregava seu espirito a Deus, não como quem morria, mas, sim, docemente, como uma criança que adormece nos braços de sua Mãe”.

O mais belo florão da coroa de Mons. Domingos Evangelista Pinheiro

Ao contemplarmos a obra de Monsenhor Domingos, ocorre-nos à mente, palavras traçadas alhures, cujo autor desconhecemos, mas, cuja justeza de adequação nos permite transcrevê-las: “Não desejamos o cristianismo dos filósofos que se perdem em cogitações cismadoras. Clamamos pelo cristianismo do sim, do façamos! Do amor que se dá, da vida que vibra e que transforma em atos sua fé. Cristo não alimentou as multidões com filosofias, mas com o pão; não subiu a um trono, desceu até os homens; não lhes deu a beber a doutrina estéril, mas, saciou-os com o rubor de seu sangue... Cristo! à tua sombra, surgiram e surgirão almas que seguiram e seguirão a pureza e simplicidade do Evangelho!”.

Não são Monsenhor e suas filhas, dessas almas egrégias cuja riqueza é pobreza e cuja beleza é a simplicidade inspirada na Boa Nova de Cristo?

A obra de Monsenhor Domingos Pinheiro trouxe o cunho das obras de Deus: tão grandiosa quão humilde a sua origem.

A semelhança do Divino Mestre, Mons. Domingos Pinheiro arrebanhou suas ovelhas entre os elementos mais humildes para mostrar que, se sua obra fôsse adiante, é porque era obra de Deus.

Havia então, no Asilo, moças pensionistas e, dentre elas, algumas davam mostras de vocação religiosa. Quiseram, mesmo, ingressar em Congregações já existentes, mas a Providência Divina tinha outros planos sobre elas. Sabendo que o zeloso fundador do Asilo desejava criar uma congregação de Irmãs, dirigiram-lhe uma carta, em 1892, pedindo-lhe que apressasse a realização da obra que deveria ser de Deus.

As signatárias da carta eram as seguintes: Maria Olímpia, Vitalina de Lelis Ferreira, Leopoldina Cândida da Rocha, Elizena Ferreira Torres, Maria Matilde de Araújo, Almira Fonseca de Araújo, Maria da Conceição Nogueira, Regina Fernandes Diniz, Eudóxia Maria Marques, Etelvina da Purificação, Maria Cândida Pinheiro, Maria Augusta de Oliveira.

A missiva foi um bálsamo para o coração do zeloso sacerdote. Bem se pode avaliar a alegria que lhe causou tal pedido, a êle que se afligira imensamente, a ponto de quase desistir de sua obra, quando a melhor de suas professoras, Da. Esméria Olímpio Chaves, se enclausurou em Macaúbas. Era o céu que se lhe abria, aprovando seu desejo, na forma dessa carta e na pessoa do grande e saudoso D. Silvério Gomes Pimenta. S. Exa. Rvma., ainda como simples padre, animou e aconselhou a Monsenhor a continuar sua obra e a levar avante a fundação planejada. Mais tarde, como Bispo Auxiliar e, depois, Arcebispo de Mariana, empregou esforços para a ereção canônica da Congregação (o que ocorreu a 28 de abril de 1896), alcançando-lhes, também, a bênção de S.S. Leão XIII, e desvelou-se, como extremoso Pai, pelas religiosas, visitando-as várias vezes e indagando-lhes sempre notícias, diretamente, ou através do Fundador, a quem aconselhava e dirigia nos negócios da Congregação.

Assim animado ao receber a petição, vendo que Deus lhe destinava pessoas que, por assim dizer, quase o obrigavam a realizar seus antigos desejos, Monsenhor Domingos quis logo dar início à sua obra prima, marcando o dia 28 de agosto para sua fundação.

Recebendo a devida licença do Snr. Bispo Diocesano, incentivou a preparação das aspirantes com uma série de conferências a primeira das quais se realizou a 4 de agosto. E' nessas conferências, tesouro zealousamente conservado pela Congregação, que se admira o espírito do Fundador. Nelas, quantas vezes, nós, as Irmãs de hoje, buscamos fôrças, quando lemos, entre outras lições, estas: "ensinar as crianças, encaminhar com suavidade os coraçõezinhos a Nosso Senhor é uma doce ocupação para uma Auxiliar de Nossa Senhora da Piedade". "Profissão de Espôsa de Cr sto, ser atalaia da inocência das crianças, amparo para o enfêrmo e o atribulado, é nobre, é sublime!".

Seria longo citar os belos trechos de suas conferências, as quais serão publicadas, oportunamente. Voltemos à fundação.

Na radiosa manhã de 28 de agosto de 1892, na Capela do Asilo São Luís da Serra da Piedade, as eleitas do Senhor viram coroados seus anseios. Alma em delírio, coração em festa, se aproximaram do altar para consumir os sponsais divinos. Em mãos do Fundador depositaram a promessa sagrada de observarem as prescrições dos estatutos e, em santo recolhimento, assistiram à solene Missa cantada com que se encerravam as cerimônias desse dia memorável. Com a esperança e o amor a fulgirem-lhes nos olhos, se prontificavam a exercer a missão que lhes fôra destinada. Haveria esmorecimento? Não, porque aquele que

tudo pode estaria a seu lado e as palavras do santo Fundador sempre haveriam de ressoar-lhes aos ouvidos, infundindo-lhes alma nova: "Dificuldades sôbre dificuldades, eu já vos anunciei, porém, ânimo! Nosso Senhor vos concederá os meios para atingirdes o fim".

"Ânimo e coragem, minhas filhas, o sofrer é de pouca duração e o Céu será a vossa recompensa!".

E, olhos fitos no Céu, continuam as Auxiliares de N. S. da Piedade a pôr em prática as sábias lições de seu pai-fundador, desejando sempre ser "o mais belo florão de sua coroa". Na realização plena de seu ideal, esperam unir-se a êle, no Céu.

LIVROS DIDÁTICOS

Nos estabelecimentos de ensino religioso

os livros escolares da COLEÇÃO IRMÃOS MARISTAS (M. T. D.) auxiliam metódicamente a tarefa educacional de orientação católica.

Solletem catálogos de tôdas as disciplinas de curso primário e secundário à

EDITORA DO BRASIL S. A.

Matriz: São Paulo, Rua Conselheiro Nébias, 887.

Filiais: Rio de Janeiro (Av. Rio Branco, 128, 15.º andar),
Belém, Fortaleza, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Goiânia,
Curitiba e Porto Alegre.

SEMI-INTERNATO COMO MEIO DE ASSISTÊNCIA À INFÂNCIA

Resumo do Trabalho de Conclusão de Curso, de Irmã M. Lúcia Paim, apresentado à Escola de Serviço Social do Instituto Social — PUCRJ.

Os problemas da infância são tão antigos quanto a própria história da humanidade e comuns a todos os países. A maneira de os solucionar tem passado pelas mais variadas formas, nem sempre muito de acordo com a psicologia infantil e com os princípios cristãos.

Parece-nos que o regime de semi-internato solucionaria o problema de maneira mais humana e menos prejudicial à criança. Os processos mais avançados de proteger a criança, como a adoção e a colocação familiar, são ainda embrionários.

O semi-internato oferece:

A — *Vantagens para a criança*: permite a vida de família; favorece o desenvolvimento da criança.

B — *Vantagens para a família*: a) facilita a educação e reajustamento dos pais — O ponto notoriamente deficiente de nossas instituições, quer públicas, quer particulares, é a ausência de um trabalho construtivo com as famílias das crianças por elas socorridas. Um serviço de assistência à infância deve ser, antes de tudo, um serviço que proporcione aos pais ajuda inteligente que lhes permite organizar uma vida estável e feliz para si e para os filhos.

b) contribue para mais sólida união da família — Os pais que conservam os filhos consigo, mesmo que sejam muito ignorantes, aos poucos vão sentindo a grandeza de sua missão. Garantir ao filho um lar, começa a ser objeto de suas preocupações. Por outro lado, os filhos que têm contato diário com os pais têm ocasião de manifestar-lhes o seu carinho, seu amor e seu reconhecimento. A grande vantagem do semi-internato está em não esfacciar a família.

C — *Vantagens para a sociedade*: a) Prepara e integra melhor os seus elementos — Acontece frequentemente que egressos de instituições fechadas encontram sérias dificuldades em adaptar-se à vida social. Não tirando a criança do seu primeiro grupo social, que é a família, e permitindo-lhe relações com outros grupos como os de vizinhança, de escola, de recreação, o semi-internato será mais propício à formação de bons elementos. Elementos integrados, e, quando nos referimos a integração, entendemos colaboração, participação ativa e real na vida da comunidade. A criança semi-interna vive a vida da comunidade, participa de suas festas, dos seus clubes, tem contato com várias classes e idades, adquire bem cedo noções claras da vida econômica e social. Seu convívio social é variado e sua experiência enriquecida.

b) é mais econômico.

Para realizar plenamente sua finalidade, o semi-internato não pode prescindir de um bom serviço social, realizado por pessoal perfeitamente integrado na Instituição.

Não se pode exigir que a criança seja instrumento de seu próprio desenvolvimento ou recuperação, a não ser em sentido muito restrito. É o meio que

Ihe deve ser favorável. A função do S. S. em relação à criança consiste, pois, no estudo e tratamento do meio: família, instituição ou comunidade. Utilizando o próprio grupo como instrumento no desenvolvimento da personalidade, o S.S. de Grupo realiza um trabalho educacional muito importante, informal e muito de acôrdo com os interesses da criança.

A ação do S.S. de Grupo no semi-internato deve continuar mesmo depois do desligamento da criança, através de clubes ou de grupos de antigos alunos. — O S.S. ainda pode ter uma excelente ação sobretudo sobre as mães, através do processo de grupo. As reuniões, clubes de mães, são preciosos instrumentos educativos. Sendo as próprias mães educadas e educadoras, chegam a realizar o máximo de suas potencialidades.

AOS CRUZADOS DA GRATIDÃO A DEUS

Dia Nacional de Ação de Graças: 26 de novembro

Ao aproximar-se o Dia Nacional de Ação de Graças, incidente este ano a 26 de novembro, a Cruzada Pró Dia Universal de Ação de Graças vem dirigir o seu apêlo anual às instituições católicas filiadas à Conferência dos Religiosos, — e por intermédio destas, a tôdas as demais! — em prol de uma celebração cada vez mais brilhante, cada vez mais sincera, cada vez mais do coração.

Merece-o Deus Nosso Senhor, e a Ele o devemos nós, por nós e pelos que não Ihe reconhecem a infinita bondade.

Uma característica apresenta a celebração dêste ano, e desejaríamos realçá-la: trata-se do 50.º aniversário do Voto profético de Joaquim Nabuco quando embaixador do Brasil em Washington, no sentido de se unirem tôdas as nações, num mesmo dia, para agradecerem a Deus; voto êsse expresso, em 1949, exatamente quarenta anos depois, pelo saudoso Papa Pio XII: **“E quiséramos que fôsse universal”**.

Bem poderia o grandioso episódio de 1909 ser lembrado nas alocações, nos deveres escolares, nas palestras dêste Dia de Ação de Graças em que, a convite do Brasil, já as memoráveis palavras do insigne vulto da nossa diplomacia e do grande Papa, sempre vivo no coração dos brasileiros, se estão realizando nos cinco continentes...

Vale recordar o acontecimento de há cinqüenta anos, situado na base da bela Cruzada cívico-religiosa brasileira.

Novembro de 1909. Quarta quinta-feira do mês. Na igreja de São Patrício, em Washington.

Pela primeira vez um Presidente dos Estados Unidos, Taft, assiste, num templo católico, à celebração do Dia de Graças. À sua volta, em imponente cortejo, as autoridades da República e os Representantes diplomáticos das nações americanas. Destaca-se, entre todos, pela elevada estatura e nobreza do gesto e do semblante cercado de cabelos brancos, o embaixador do Brasil, Joaquim Nabuco. No altar, um Príncipe da Igreja, o Cardeal Gibbons, celebra a Santa Missa.

A grandiosidade do ato comove os corações.

Após a Missa Solene, ao café que se lhe seguiu, a voz do longínquo Brasil faz-se ouvir pelo seu legado: "Entre os costumes do povo americano, nenhum há que eu mais admire que o seu Dia de Ação de Graças. Quem dera que tôda a humanidade se unisse anualmente, no mesmo dia, para um universal agradecimento a Deus".

Serão estas as derradeiras palavras públicas que, antes de se enregelarem para sempre, deveriam brotar daqueles lábios ardentes, só abertos durante tôda a existência para a defesa intemorata das grandes causas humanas.

Ao carinhoso seio da Pátria volvem, três meses mais tarde, os despojos do filho bem-amado cuja palavra inspirada não será mais esquecida.

Nas solenes exéquias realizadas na Catedral Metropolitana do Rio de Janeiro, o Padre Julio Maria lança, do púlpito, uma dramática petição ao govêrno pedindo o cumprimento do "testamento espiritual" do grande brasileiro (11-2-1910).

No mesmo sentido, mas também em vão, os católicos da capital, pela pena do Conde Carlos de Laet, endereçam ao Congresso um memorial. Igualmente, a petição do Episcopado ao Senado Federal, em 1919, fica sem efeito.

Trinta anos mais tarde, porém, graças a um movimento popular sustentado pela Hierarquia, o Voto de Nabuco principia a tornar-se realidade: o Presidente Eurico Gaspar Dutra sanciona a Lei n.º 781 de 17 de agosto de 1949, instituindo no Brasil o Dia Nacional de Ação de Graças, fixado na quarta quinta-feira de novembro em vista de sua universalização.

E neste 1959, graças à compreensão da Hierarquia Católica no mundo inteiro, o apêlo dos Bispos do Brasil já encontra eco nos mais extremos confins do glôbo, podendo-se afirmar que, no "Dia de Deus", o sol se levanta e se põe acompanhando o côro da gratidão universal ao Supremo Regedor dos povos: "Te Deum laudamus!"

Alice Gérin Tavora

Secretária Geral da Cruzada

Agradece a Cruzada qualquer relato das cerimônias realizadas, para edificação de muitos e registro nos seus anais. Enderêço: C. postal 1.212. Rio de Janeiro.

SUBVENÇÕES FEDERAIS

Apesar dos artigos publicados nos últimos números da Revista da CRB, bem como no opúsculo da "Lista de Preços n.º 1", esclarecendo as dificuldades no recebimento das subvenções federais, temos recebido algumas cartas de instituições que reclamam a respeito, supondo que o Serviço de Procuradoria é culpado por êste atrazo. Esclarecemos mais uma vez que esta Conferência, além do trabalho burocrático de exame, protocolo e acompanhamento dos processos no Ministério, tem tomado uma série de providências, visando conseguir a liberação e pagamento

das verbas a nós confiadas:

- 1 — entrevista na Imprensa;
- 2 — apêlo aos Senhores Deputados e Senadores;
- 3 — pedidos diretamente ao Senhor Presidente da República, com exposição de motivos a respeito, entregues pessoalmente por S. Eminência, o Cardeal Câmara;
- 4 — comissão de Religiosas fazendo o mesmo apêlo ao Sr. Ministro da Fazenda;
- 5 — da tribuna da Câmara, leitura de algumas cartas das mais angustiosas de instituições em situação difficilima, por carência de recursos, agravada pelo não recebimento das verbas do Govêrno.

Fizemos um estudo minucioso a respeito do PLANO DE ECONOMIA (Revista da CRB n.º 46) e o entregamos em mãos do Senhor Presidente da República.

Apesar de todos os nossos esforços, infelizmente o Govêrno tem liberado pouquíssimas verbas. No corrente ano, até a presente data, somente foram pagas as subvenções ordinárias. Temos centenas de processos concluidos, prontos para pagamento, aguardando tão somente a liberação das verbas. Caso por caso, uma vez concluido o processo, autorizado o pagamento pelo Ministério de origem, comunicamos às instituições, esclarecendo que o pagamento depende unicamente do Senhor Presidente da República. Nestas comunicações, pedimos sempre às entidades que apelem para os políticos amigos, no sentido de obter do Senhor Presidente da República, o pronto pagamento das subvenções.

Continuamos, apesar de tudo, a trabalhar com o mesmo interêsse, com a mesma boa vontade, a recorrer a todos os meios, no sentido de resolver esta difficil situação para as nossas entidades. O Serviço de Procuradoria da CRB, com a colaboração e compreensão de cada casa religiosa, levará a têrmo, com êxito, êste empreendimento.

Pedimos orações das Comunidades Religiosas nesta intenção.

Antonio Leopoldino

CRÔNICA DOS RELIGIOSOS

A III Assembléia Anual dos Superiores Maiores

Como já de costume nos anos anteriores, realizou-se pela terceira vez a Assembléia anual dos Superiores Maiores Religiosos do Brasil que, estreitando cada vez mais os laços de união entre os Revmos, Padres e Revmas. Madres Provinciais, abre sempre novos horizontes na organização da CRB e na organização e atualização dos Religiosos. Reunindo todos os Superiores Maiores, seus frutos atingem todos os Religiosos espalhados pelo vasto território nacional.

As reuniões dos Padres Provinciais tiveram lugar, de 20 a 23 de julho,

no Colégio Santo Inácio, dos Padres Jesuitas, e das Revmas. Madres, de 22 a 25 de julho, na Faculdade de Santa Úrsula das Madres Ursulinas, com uma reunião em conjunto, na tarde do dia 22, no Colégio de Sion.

O tema geral da Assembléia foi "O Govêrno das Províncias". Os assuntos tratados, nas reuniões dos Provinciais, foram os seguintes: "*Organização Jurídica da C.R.B.*: Revisão dos Estatutos e Regimento da Assembléia dos Superiores Maiores; Regimento dos Departamentos e Serviços; Revisão das Normas para as Secções Estaduais"; "*Govêrno das Casas de Formação*: pre-seminário, seminário menor, seminário maior, noviciado, ano de pastoral"; "*Novas fundações*: critérios, distribuição das obras, escrituras, contratos, relações com as Autoridades"; "*Observância Religiosa*: de transitu ad aliam religionem, de egressu e religione, de demissione religiosorum"; "*Administração da Cúria Provincial*: organização da contabilidade, atualização dos estatutos civis da Província". Além desses assuntos, nas reuniões das Revmas. Madres foram tratados também os seguintes: "*Relação das Províncias com as autoridades Eclesiásticas e civis*: Sagrada Congregação dos Religiosos, Cúria Generalícia, Nunciatura Apostólica, Episcopado, Govêrno Civil"; Informações a respeito da organização jurídica da CRB; "*Como resolver o problema da formação de catequistas*". Para ambas as secções foi apresentado o relatório da CRB (publicado já nas páginas desta Revista) e por fim foi realizada a eleição da nova Diretoria da CRB.

Tomaram parte na Assembléia 80 Padres Provinciais ou delegados e 129 Madres Provinciais ou representantes, num total, portanto, de 209 presentes; quase a metade das Províncias Religiosas do Brasil, pois, estava representada.

Todos os trabalhos dos Revmos. Padres Provinciais foram presididos efetivamente por Sua. Excia. Dom Armando Lombardi, DD. Núncio Apostólico, enquanto nas reuniões das Madres repetidas vezes esteve presente, tomando parte ativa nos trabalhos, Sua. Excia. Revma. Dom Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro e Presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

Os trabalhos da Assembléia dos Superiores Maiores

As sessões dos Superiores Maiores foram dedicadas principalmente ao estudo da legislação interna da C.R.B. e dos problemas de govêrno das Províncias, contrariamente aos anos passados em que foram estudados problemas comuns a todos os religiosos.

A primeira parte da Assembléia foi dedicada à revisão dos Estatutos e às normas para as Secções Estaduais, como também ao exame dos projetos de regulamento para a Assembléia anual e para os Departamentos.

Os Estatutos da CRB continuavam omisso a respeito da fiscalização do movimento financeiro da Conferência. Este movimento cresceu de tal forma nos últimos anos que a Diretoria propôs que a Assembléia participasse também na responsabilidade da fiscalização, através de um Conselho Administrativo. Foi incluído, por conseguinte, um novo artigo com dois parágrafos, sobre o Conselho Administrativo, composto de cinco Provinciais, que examine anualmente os balanços e contas apresentadas pela Diretoria, e dê seu parecer à Assembléia. Foram eleitos membros do Conselho Administrativo os Revmos. Padres

Provinciais dos Salesianos (Rio de Janeiro), Franciscanos (São Paulo), Jesuítas (Pôrto Alegre), SS. Corações (Prov. Brasileira do Rio de Janeiro), e Carmelitas Descalços (São Paulo).

Foi incluído também o art. 19 sôbre a Comissão Executiva, composta de Padres e Irmãos, que trabalham com tempo integral na sede da CRB-Rio. Ela tem já seu regimento interno, mas por causa da importância de sua atuação foi julgado oportuno incluí-la nos Estatutos.

Fêz-se menção também dos novos Departamentos que compõem agora a CRB: de Imprensa, de Vocações e Formação Religiosa. O Departamento das Missões passa a denominar-se Departamento de Pastoral, conforme deliberação da Assembléia.

Foram ainda estudados e aprovados:

a) Regimento interno da Diretoria, já apresentado à Sagrada Congregação dos Religiosos; b) Regimento da Assembléia; c) Regimento dos Departamentos da CRB; d) Normas para as Secções Estaduais, já anteriormente em vigor, que sofreram ligeiras modificações impostas pela experiência.

A segunda parte da Assembléia dos Superiores Maiores foi dedicada às teses sôbre o Governo Provincial. Ao passo que nos anos passados os trabalhos foram dedicados a problemas comuns a todos os religiosos, êste ano foram escolhidos temas de interêsse particular para os Provinciais.

As teses foram apresentadas por figuras de grande relevo no ambiente cultural e administrativo de várias Congregações, que trouxeram dêsses modo a contribuição de suas experiências e de sua doutrina em assunto de tamanho interêsse. Salientamos, a respeito, os nomes de Pe. João Corso SDB, Pe. José de Oliveira Dias SJ, Frei Francisco Xavier Bockey OFM, Pe. Weber Luis MSF, que mereceram os melhores elogios pelas suas exposições.

As teses foram seguidas de amplos debates e comentários que levaram a conclusões realmente proveitosas.

Foi feita a proposta da criação de um Instituto de Pesquisas Educacionais a funcionar na AEC, como Departamento de Educação da CRB, como também a de a Conferência organizar retiros espirituais de conjunto para pequenas comunidades, solicitando-se ainda o empenho da Conferência na vinda da Ordem dos Construtores ao Brasil.

Em todos êstes trabalhos devemos salientar a atuação sempre eficiente do Reymo. Pe. Irineu Leopoldino de Souza como orientador, e especialmente no que diz respeito a tôda a legislação da CRB, que era apresentada e explanada por êle.

Os trabalhos das Revmas. Superiores Maiores

Sendo, por consenso tácito das Revmas. Madres Provinciais, o trabalho da organização, administração e legislação da CRB deixado à competência dos Padres Provinciais, os trabalhos da Assembléia das Revmas. Madres limitaram-se à apresentação e discussão das teses sôbre o Governo Provincial, como também à eleição das três Conselheiras da Diretoria (tôdas reeleitas).

O Exmo. Sr. Núncio Apostólico presidiu a sessão inaugural da Assembléia, comparecendo o Emo. Sr. Cardeal do Rio de Janeiro repetidas vêzes às reuniões e tomando parte ativa nos trabalhos.

Para as discussões e trocas de idéias, após a apresentação das teses, contribuiu, de modo particular, o Revmo. Pe. Frei Francisco Xavier Bockey OFM, conselheiro canônico da CRB. As teses foram apresentadas pelas Revdas. Irmãs Eunice Maria (das Irmãzinhas da Im. Conc.), Dirce Galvão de Moura (M.J.Cr.), Religiosa da Congregação de Santo André, Irmã Missionária de São Carlos Borromeu, e Frei Francisco Xavier. O Dr. Thompson Flores tratou do projeto de Diretrizes e Bases em andamento na Câmara dos Deputados, e uma Filha de Caridade pelo Depart. de Assistência à Saúde, da legislação sobre Enfermagem, também em andamento na Câmara.

Muito grata a presença de S. Excia. D. Vicente Zioni que, de volta de Roma, veio trazer às Revdas. Madres a Bênção de Sua Santidade e transmitir seu grande ideal de *União*.

A eleição da nova Diretoria

Na tarde do dia 21 de julho, tendo a Diretoria da CRB terminado os três anos de seu mandato, procedeu-se à eleição da mesma para o triênio 1959-1962. A Diretoria precedente foi reeleita mais uma vez, com exceção do Secretário Geral, Pe. Irineu Leopoldino de Souza, que, a pedido de seus Superiores, volta às atividades da Congregação. Em seu lugar foi eleito o Revmo. Pe. Tiago G. Cloin CSSR, já Sub-Secretário da CRB. A atual Diretoria compõe-se, portanto, dos seguintes membros:

- Presidente : Dom Martinho Michler, Abade do Mosteiro de São Bento
- Secretário : Pe. Tiago G. Cloin CSSR
- Tesoureiro : Irmão João de Deus, F.M.S.
- Conselheiros : Pe. Armando Cardoso, Prov. dos Jesuítas
Pe. Francisco Maffei, Prov. dos Barnabitas
Frei Xisto de Cássaro, Prov. dos Capuchinhos
- Conselheiras : Madre Maria do Calvário M.J.Cr.
Madre Maria de Sta. Clara Cournot O.S.U.
Madre Antoinette Blanchot F.d.C.

Com esta eleição o Revmo. Pe. Irineu deixa a Conferência dos Religiosos, depois de seis anos em que dedicou os dotes de sua inteligência fecunda e perspicaz, toda a sua capacidade e todas as energias de que dispunha, para esta obra que a êle muito deve, pois soube lhe dar uma administração que ficou sempre admirada por todos, e conseguiu levá-la a realizações que nos vários campos de organização, de atualização e de apostolado, se traduzem agora nos melhores frutos de bem em benefício de todos os Religiosos. Quem permaneceu a seu lado por anos e anos sabe das lutas e das dificuldades, das cansaças e das incompreensões, dos dias de trabalho que acabavam sempre noite adentro. Por isso, e muito justamente, a assembléia toda não podia deixar de apresentar ao Revmo. Pe. Irineu seus agradecimentos sinceros pela obra realizada; isso pela palavra de vários oradores, especialmente do Pe. Maffei, que não hesitou em afirmar que o Pe. Irineu merecia um monumento na sede da C. R. B., do Revmo. Presidente e do próprio Sr. Núncio Apostólico que teceu o maior elogio dêle; assim também as Revdas. Madres, numa sessão da tarde organizaram espontaneamente uma singela homenagem de despedida,

cantando o hino da CRB: "Ubi Caritas et amor, Deus ibi est" e ofertando-lhe um ramallete espiritual de Missas; o Revmo. Pe. Presidente exaltou, em discurso de agradecimento dirigido às Madres, os méritos de Pe. Irineu pela idéia genial de fazer, através dos Serviços da CRB, as coisas terrestres servirem aos valores espirituais e às atividades apostólicas.

A Sessão conjunta dos Superiores Maiores.

Foi realizada na tarde do dia 22, no salão nobre do Colégio N. D. de Sion, a sessão conjunta dos Superiores e Superiores Maiores, sob a presidência honrosa do Exmo. Sr. Dom Armando Lombardi e a presença de quase 400 entre religiosos e religiosas, inclusive os Padres e Madres Provinciais.

Abrindo a sessão o Exmo. Sr. Núncio Apostólico justificou a ausência por motivos de saúde do Conferencista do dia, S. E.ª Dom João Rezende Costa, Arcebispo Auxiliar de Belo Horizonte.

O Exmo. Sr. Presidente, Dom Martin Michler, saudou as Autoridades. Lembrou os seis anos de atividades da C. R. B. com uma visão do que tem feito a Conferência e de quanto lhe incumbe efetuar no novo triênio. A consideração retrospectiva sugere atitude de profunda gratidão: ao Senhor, pela grande união fundada no amor de Cristo, entre os Religiosos; ao Santo Padre Pio XII, idealizador carismático da mobilização dos Religiosos; à Sagrada Congregação dos Religiosos; ao Sr. Núncio Apostólico que acompanha de perto os passos da Conferência; a Sua E.ª o Sr. D. Jaime de Barros Câmara, grande animador nos importantes trabalhos da C. R. B.; aos Srs. Arcebispos e Bispos das diversas Secções Estaduais; aos Revmos. Padres e Madres Provinciais; à Diretoria da C. R. B. e em particular ao Revmo. Pe. Irineu Leopoldino de Souza, o qual dedicou seus esforços e momentos integrais à Conferência, conseguindo concretizar a idéia lançada pela Santa Sé.

Elogiou os recentes trabalhos da C.R.B.: o Anuário dos Religiosos do Brasil, elaborado pelo Departamento de Estatística; o Instituto de Pastoral de São Paulo; a multiplicação dos Cursos de formação para Mestres de Noviços, Catequistas e de Pastoral.

Olhando para o futuro, apelou para que a nova Diretoria dedique interêsse eficiente à organização da Conferência Latino-Americana dos Religiosos (CLAR), que, além da intensificação da vida religiosa, tem por fim oferecer ao CELAM uma colaboração organizada e completa no campo do Apostolado.

O Revmo. Pe. Irineu leu em seguida o Relatório sobre a situação da Conferência, destacando o que se pudera fazer e o que restava ainda para fazer, destacando ainda os dois grandes campos a que os religiosos são chamados a prestar eficaz colaboração: a catequese e o ensino (Ver Revista da CRB, n.º 51).

Nessa oportunidade foi apresentado aos Revmos. Superiores Maiores o Anuário dos Religiosos do Brasil — 1958, que saíra à luz naqueles dias, como também o n.º 50 da Revista da CRB, que desde julho de 1955 está sendo publicada regularmente todos os meses.

Encerrou a sessão o Exmo. Sr. Núncio Apostólico, dizendo sua satisfação pelas atividades da Conferência, lembradas mais uma vez no relatório

apresentado. Essa satisfação era comum a todo o Episcopado Brasileiro, que S. Excia. representava também naquela hora. Em Roma iria relatar de viva voz o que a Conferência realiza muito bem em favor do apostolado no Brasil. A Hierarquia em nossa terra sabe de tudo isso e sente-se animada por poder contar com essa força dos milhares de religiosos e religiosas, dispostos sempre mais a se converterem nos instrumentos aptos de Deus na salvação das almas. Por isso, e de coração, deixava uma palavra de animação à nova diretoria, em particular ao novo Secretário Geral, a quem augurava próspero trabalho. Agradeceu efusivamente as esplêndidas realizações do Revmo. Pe. Irineu que foi a alma da Conferência, em seis frutuosos anos de gestão. Em nome da Sagrada Congregação dos Religiosos, da Nunciatura e do Episcopado deixava a êle um grande agradecimento. Terminou com a benção episcopal, recebida de joelhos por todos os assistentes.

A seguir, com a presença dos Diretores do Banco Mineiro de Produção, Panair do Brasil, Cruzeiro do Sul, Gastal (Willys) etc., o Exmo. Sr. Núncio Apostólico procedeu à benção dos veículos fornecidos pela CRB às comunidades religiosas, que estavam concentrados no pátio do Colégio. Era uma homenagem da CRB às várias companhias, e ao ensejo tomou a palavra o Revmo. Pe. Irineu, agradecendo a colaboração que essas várias companhias, fábricas e o Banco estão dando à Conferência.

A Redação

Capítulo Geral dos Padres de Nossa Senhora de Sion

Os Padres de Nossa Senhora de Sion reuniram-se, durante a primeira quinzena de agosto, em Capítulo Geral para a eleição de seu novo Superior Geral e de seu Conselho Central, que vão dirigir os destinos da Congregação durante os próximos seis anos.

A Congregação dos Padres de Sion, fundada no século passado por dois judeus convertidos, os irmãos Pe. Theodoro e Pe. Alphonso Ratisbone, e que tem por finalidade principal mas não exclusiva o apostolado junto aos filhos de Israel, encontra-se hoje espalhada quasi em todo o mundo. Desenvolveu-se porém de maneira particular, no Brasil, onde ela conta hoje com mais de dois terços de seus membros. Por esta razão o Capítulo Geral realizou-se pela primeira vez em São Paulo, reunindo 14 Padres Capitulares vindos de diversos pontos do globo.

Com a devida autorização de S. Emcia. o Cardeal Feltin, de Paris, e de S. Emcia. o Cardeal D. Carlos Carmelo de Vasconcelos Mota, de São Paulo, a casa generalícia foi transferida de Paris para São Paulo (Rua Lino Coutinho, 444 — fone: 63-7489); o que permitirá ao novo Geral seguir mais de perto o desenvolvimento da Congregação no Brasil.

Foi eleito Superior Geral o Revmo Pe. Antônio Testa, nascido aos 17 de abril de 1917 em Jaú, Estado de São Paulo. Estudou no Seminário menor de Pirapora, cursou a filosofia no Seminário Central do Ipiranga de 1937 a 1939, quando embarcou para a Europa afim de fazer seu noviciado em Louvain (Belgica). Por causa dos distúrbios da II Grande Guerra, fez a teologia parte em Viviers (França), parte em Mariana, concluindo-a no Seminário Central do Ipiranga em 1943. Ordenou-se aos

16 de Janeiro de 1944, na Igreja São José do Ipiranga, sendo o 1.º padre brasileiro da Congregação. Depois de dois anos de tirocínio no ministério sacerdotal, na paróquia São José de Ipiranga e em Petrópolis, foi enviado ao Seminário Menor de São Sebastião do Paraíso, M. G., onde desempenhou o cargo de ecônomo e professor. Transferido em 1952 para o Noviciado em Guarulhos, trabalhou como Mestre de Noviços com muito zelo e dedicação na formação dos jovens religiosos até o presente.

Para auxiliá-lo no governo da Congregação foram eleitos os membros do Conselho Central, que ficou assim constituído: — Assistente Geral Pe. José Pellegrini, — Conselheiros: Pe. Paul Démann, Pe. Pedro Baint, Pe. Lino Calliari.

NOVAS FUNDAÇÕES

Ibiá, Minas Gerais — O Ginásio Bias Forte foi fundado em 1956 em Ibiá, cidade chave do Triângulo Mineiro, apresentando ótimo clima, situada a 840 m. de altitude, a Oeste do Estado de Minas. Dista uma hora de Araxá, servida pela R.M.V. e ligada a Belo Horizonte e Uberaba por rodovia. Pertence à Diocese de Patos de Minas.

O Ginásio dispõe de um terreno de 110 x 220 metros, área para construção com 40 a 50 metros de frente. Possui gabinete de física. Tem a receber um auxílio extraordinário de Cr\$ 150 000,00, com probabilidade para outros. O povo de Ibiá que quer entregá-lo a uma Congregação Religiosa, compromete-se a entrar, no início, com um donativo de Cr\$ 500.000,00. Para qualquer informação a respeito dirigir-se ao Revmo. Pe. Agostinho Klengen, DD. Vigário da cidade.

Campo Alegre, Paraná — Cidade a menos de 50 Km de Curitiba, com quase 6.000 habitantes. Está em construção um grande hospital que deverá ficar pronto no começo do ano; o Revmo. Pe. Vigário está interessado na vinda de uma Congregação de Religiosas que se dediquem à assistência à saúde, para quem tomem conta do mesmo. A comissão está disposta a entregar a propriedade do mesmo à Congregação, depois de breve tempo de trabalho no mesmo. Tratando-se de colônia alemã, pedem também que alguma das religiosas fale o alemão para entrar em contato com os colonos dos quais alguns ainda nem falam o português. O lugar é lindo e saudável, e oferece um bom campo para vocações religiosas.

Barão de Cocais, Minas Gerais. — A Companhia Nacional de Usinas Metalúrgicas precisa de três religiosas para dirigir seu hospital, com vinte leitos na enfermaria e quartos particulares. A cidade de Barão de Cocais, com 13.000 habitantes em todo o município, compreende uma população composta de 1 200 operários, e dista 80 km de Belo Horizonte. As Religiosas poderão também desenvolver assistência social no meio dos operários.

Nova Iguaçu, Est. do Rio — Oferecem a administração do "Hospital de Iguaçu" a uma Congregação Religiosa. O Hospital tem cerca de 300 leitos e quartos particulares, com Pronto Socorro ao lado. Fica assegurada a assistência espiritual às Irmãs. Nova Iguaçu fica a apenas uma hora de ônibus do Rio.